

ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

8,0

A HISTÓRIA DA LITERATURA MATO-GROSSENSE E DIVULGAÇÃO DOS
AUTORES RICARDO GUILHERME DICKE E SIDNEY DA SILVA CHAVES

WELLINGTON DA SILVA CARVALHAIS

ORIENTADOR: PROF. MS.LUIZ RENATO SOUZA PINTO

ALTA FLORESTA - MT
2007

ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

A HISTÓRIA DA LITERATURA MATO-GROSSENSE E DIVULGAÇÃO DOS
AUTORES RICARDO GUILHERME DICKE E SIDNEY DA SILVA CHAVES

WELLINGTON DA SILVA CARVALHAIS

ORIENTADOR: PROF. MS. LUIZ RENATO SOUZA PINTO

“Trabalho apresentado como
monografia do curso de
especialização em Língua
Portuguesa”.

ALTA FLORESTA - MT
2007

ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

TERMO DE APROVAÇÃO

AUTOR DO TRABALHO

NOME DO ORIENTADOR

OITO

NOTA / CONCEITO

AGRADECIMENTO:

AGRADEÇO A DEUS PELA SAÚDE FÍSICA E ESPIRITUAL, SEM AMBAS NÃO HÁ SUCESSO NA VIDA.

AGRADEÇO AO PROFESSOR ORIENTADOR LUIZ RENATO PELA PACIÊNCIA E PELO DOM DE DESPERTAR A REFLEXÃO LITERÁRIA NAS PESSOAS.

DEDICATÓRIA

DEDICO ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO A MINHA QUERIDA ESPOSA CIBELLE DE SOUZA AZEVEDO CARVALHAIS POR ME INCENTIVAR EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS.

RESUMO

A arte literária é crucial na vida de todos, porque o trabalho com palavras envolve leituras, práticas na escrita e muita reflexão. O ato de refletir é algo excelso, pois é através dele que se descobre o próprio ego, que ajudará na descoberta de uma finalidade enquanto pessoa. O trabalho literário nessa ótica, é uma exposição do lado interno movido pela vivência social, ou seja, o lado externo. Dessa forma, o pensamento reflexivo apresenta o escopo de encontrar o ser humano que existe em cada um, de perceber a relação com o mundo em que se vive e ainda de despertar a formação crítica para ser agente na sociedade. Fazer literatura é expor uma realidade de acordo com idiosincrasias resultantes de muita indagação consigo mesmo. Logo, se assim for entendida, qualquer pessoa é capaz de produzi-la. Sua confecção independe da raça, cor da pele, classe social etc. Infelizmente, a produção literária atual parece estar ligada totalmente ao poder financeiro. Não se tem incentivo suficiente à edição ou reedição de trabalhos literários, geralmente que publica mais livros é porque tem mais mídia a seu favor, é porque tem mais dinheiro para investir. Hoje isso é irrevogável. O governo não contribui suficientemente com um apoio sólido aos escritores que estão começando e, além disso, nas escolas somente se ensina literatura clássica, aquela canonizada como sendo um padrão. Discrimina-se a literatura regional e local, talvez por falta de pesquisas por parte dos professores ou porque a literatura clássica segue rigidamente uma ementa. Através da observação da qualidade literária nos autores tidos como incipientes e outros que estão por cair num ostracismo, este trabalho monográfico relatará a história literária de Mato Grosso com citações de vários autores e obras, e nos meados dessa exposição se fará uma pequena análise entre a literatura Mato-Grossense e a Clássica. Serão também divulgados os autores Ricardo Guilherme Dicke e Sidney da Silva Chaves. A metodologia usada nessa exposição será a pesquisa bibliográfica relativa a assuntos pertinentes, e o resultado que se deseja alcançar é a mostra de que a literatura no estado de Mato Grosso tem qualidade e necessita ser divulgada. Esse trabalho será um multiplicador desse objetivo nobre.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. POR UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA MATO-GROSSENSE	12
3. RICARDO GUILHERME DICKE: NOTÍCIA DE UM ESCRITOR	44
4. A POESIA DE SIDNEY CHAVES	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

Manifestar a arte é a exposição de um tesouro que somente após muito esforço e trabalho se encontra. Essa manifestação representa a busca pelo belo que remete às virtudes humanas e conduz à proximidade de Deus. Esse ato reúne o mundo e o coração de quem o quer sentir, pois, se faz arte com sons, tintas, pedra, terra, pincel, instrumento, martelo, formão, em fim matéria física, etc., e se produz com o sentimento, com a opinião que cada artista tem dentro de si para recriar uma realidade.

Na poesia ou prosa, pintura, arquitetura, teatro, música e escultura e nas demais variadas expressões artísticas existem pontos comuns e específicos que provam ainda mais a mistura da parte material com a parte espiritual na realização do movimento artístico. O que pode ser específico é a matéria prima e a maneira de expor, e o comum é o ego do criador que transforma seu ponto de vista em realidade ora ilusória, ora sonhadora, ora mentirosa, ora verdadeira, em fim, acontece no ponto comum a criação transcendental de um novo mundo.

A literatura é uma manifestação artística através do trabalho com as palavras. Como a palavra é a expressão do homem, logo literatura pode ser considerada a voz de um povo. Os acontecimentos externos movimentam o lado interno de um literato que recria a realidade de acordo com o seu ponto de vista. É assim que nasce arte literária, pelo sentimento instigado por algo da vida real. Tudo muito óbvio, basta abrir o coração e deixar a sensibilidade e a espiritualidade tomar conta. Breve aparece todas as faces de um ser humano: a paixão, o ódio, a sátira e o amor, que pelo manifesto da arte se espalha sem barreiras

fazendo seus apreciadores refletirem sobre a sua condição existencial. Ler uma obra de arte é compartilhar maneiras diferentes de ver o mundo, é dividir discursos polifônicos que são remetidos após muita indagação consigo mesmo.

Nessa ótica, produzir literatura é expressar o lado intrínseco e sendo assim, qualquer um é capaz de fazê-lo, pois o homem é um ser com profundidade sentimental. Porque não dizer, a alma humana é o conjunto de sentimentos que habita em nós. Para fazer literatura basta ser gente, independentemente da classe social, da raça e da cor da pele.

Existem dentro de nosso histórico literário vários estilos de épocas - quatro na era colonial e cinco na era nacional. Meio a esse variado número de escolas literárias aparecem variadas maneiras de expressão do real. Escritores que não temiam o que escreviam após analogias da realidade vivida mostravam ao mundo: o caminho certo a ser seguido, a necessidade do amor, as injustiças praticadas e a fragilidade humana. As obras brasileiras são mui valorosas, com escritores que jamais serão esquecidos por todo o mundo e que carregam dentro de suas obras através do verso e da prosa a história de um povo.

No Estado de Mato Grosso existem vários escritores no verso e na prosa que produzem obras fantásticas com um altíssimo teor literário, mas que infelizmente são pouco conhecidos, nem mesmo os alunos das escolas Mato-Grossenses os conhecem. Por que isso acontece? Será que é porque alguém os analisa e não vê qualidade literária? Será porque são pertencentes a uma classe social não tanto elevada? Será porque existem alguns que não tem graduação alta e somente são autodidatas? Será que os sentimentos internos (algo óbvio para a composição artística) dos mesmos não são humanos como o sentimentalismo dos artistas famosos? Será que o regionalismo não contribui nada para uma boa formação cultural nacional? Será que o regional não permite um contato com as diferenças existentes em nosso país? Será que essas diferenças não contribuem para a formação do caráter do indivíduo? Ou será que as nossas editoras voltadas para um capitalismo consumista esquece de publicar aquilo que também é cultura, embora seja um pouco desconhecida? Ou será que as editoras precisam de diretores que mudem o foco e passem a enxergar na literatura regional um sucesso em vendas? O sucesso regional depende de quem? Da conscientização das editoras? Da valorização da escrita regional por parte dos professores que usualmente nem conhecem os autores de nossa região e dizem lecionar língua portuguesa? Será que o governo produz incentivo à divulgação de autores regionais?

Com base nesses questionamentos e também pelo fato de que a importância principal para se produzir arte literária é extração do “eu”, o presente trabalho de monografia

mostrará que existe qualidade artística em Mato Grosso através da exposição compilada da história da literatura de Mato Grosso e pela divulgação dos autores regionais: Ricardo Guilherme Dicke, escritor mato-grossense que somente agora em sua velhice está conseguindo melhor apreciação para sua obra, e o iniciante escritor genuinamente alta florestense, Sidney da Silva Chaves . Esta exposição histórica e divulgação de autores têm o objetivo de exaltar a importância da literatura na vida dos conterrâneos e declarar a necessidade da divulgação e valorização de obras que estão em pequenas cidades espalhadas pelo Estado. Desse modo, nascerá o incentivo à escrita e conseqüentemente a liberdade de expressão e concomitantemente a autonomia da consciência individual que contribui para a formação de um povo crítico, cheio de embasamentos culturais, prontos para exercer a democracia em nosso país. E também tem o escopo de declarar que nas aulas de língua portuguesa a arte literária deve ser mesclada, ou seja, literatura Brasileira de forma completa. Devem ser estudados os clássicos e também o regional, estimulando o nascimento de escritores em sala de aula. Espera-se que durante o decorrer do texto o leitor possa apreciar sua tessitura e sentir o gosto de receber informação através da leitura. Como Diria Jorge Luis Borges, aludindo-se a Emerson e Montaigne: “um livro tem de ser uma forma de felicidade”, ou seja, uma leitura pode ser admirada e bem quista.

No primeiro capítulo mostraremos a história da literatura de Mato Grosso e sua comparação com a literatura Brasileira Clássica. Depois serão propalados os escritores Mato-Grossenses com o intuito de alumiá-los ao mundo. Essa exposição histórica será feita cronologicamente dando maior oportunidade de mapear com maior precisão tanto o contexto histórico cultural de cada década, quanto a variedade da produção literária Mato-Grossense. Se exibirá os estudos de Rubéns de Mendonça e Lenine Povoas, os trabalhos de José de Mesquita, Dom Aquino, Indalécio Proença e Arlinda Morbekc. Também se verá as obras das décadas de 1930 e 1940 com a entrada do modernismo no Estado na contribuição de Lobivar de Matos, Manoel de Barros, Silva freire, João Antonio Neto, Tertuliano Armarilha, Padre Raimundo Pombo e Hélio Serejo e outros colaboradores da revista Pindorama, Ganga e Sarã. Discorrer-se-á sobre a literatura das décadas de 1950 e 1960 com textos de Wladimir Dias Pino, Manoel Cavalcante Proença, representantes de uma literatura altamente comprometida com os problemas sociais brasileiros e com a estética de vanguarda daquele período.

Mapear-se-á a produção literária dos anos 1970 e 1990, relatando a produção literária após a divisão política do Estado caracterizada pelo compromisso com a questão fundiária, o erotismo, a metalinguagem, o misticismo, o filosófico e o imaginário infanto-

juvenil, tudo isso com apoio nas obras de Marilza Ribeiro, Teresa Albués, Padre Antônio Pimentel, Dom Pedro Casaldáliga, Flávio Ferreira, Aclyse de Matos e Hilda Gomes Dutra Magalhães.

No segundo capítulo mostrar-se-á Dicke no cenário regional e nacional. Nesta parte Ricardo Guilherme Dicke será novamente divulgado e lembrado com base naquilo que a mídia já publicou sobre o mestre. E também será comparada sua obra com a literatura Brasileira, expondo seu estilo diferenciado. Destarte, este trabalho apresentará reportagens como estas: Prêmio Orígenes Lessa com o livro *Cerimônia do Esquecimento* (jornal *Ilustrado* em janeiro de 1996), Dicke: *O Vôo da Eternidade* (*O Globo* em maio de 2004), Ricardo Dicke e a Verdade da Ficção (*Jornal das Letras* em maio de 2005), Obra de Guilherme (Folha do Estado em setembro de 2005), Divulgação de Textos Inéditos de Dicke (*A Gazeta* em setembro de 2005). Guilherme Dicke, *Garimpeiro de Ilusões* (Folha do Estado em agosto de 2006). Depois de exposto o lado de sua divulgação ao longo de sua existência no espaço regional e sucessivamente nacional, o presente capítulo pretende fazer analogias estilísticas entre as obras de Ricardo e a literatura Brasileira clássica, mostrando seus novos numes que o fazem um diferencial na literatura local e nacional.

No terceiro capítulo, Sidney da Silva Chaves será divulgado através de sua realidade no cenário regional e nacional. Devido seu início de carreira e dificuldade para se entrar no mercado editorial se comentará a parte da mídia local sobre o autor, visto que nacionalmente ainda Chaves não é conhecido. Para tal serão mostradas suas obras: Livro de Poesias “Eu” (1999), Livro Autores Regionais, sua participação (2000), Revista *Focus*, fundador em 2001, livro de poesias *Verso e Reverso* (2004) e seu livro inédito que não fora editado ainda, e também não se tem um nome definido, segundo Sidney por hora se chamaria “Poesias”. Seus trabalhos vão ser analisados estilisticamente e se anunciará as peculiaridades da escrita desse jovem escritor em comparação a estética regional e nacional, mostrando sua qualidade e diferencial no âmbito artístico literário.

2. POR UM BREVE HISTÓRICO DA HISTÓRIA DA LITERATURA MATO-GROSSENSE

A história da literatura de Mato Grosso, sua comparação com a literatura Brasileira clássica e divulgação dos autores Mato-Grossenses.

Hilda Dutra em seu livro “História da Literatura de Mato Grosso século XX”, faz um levantamento bibliográfico dos anos 30 até os anos 90. Aparecem poetas, contistas, romancistas, poemas, contos e romances. E o importante é que nesta obra são mencionados autores de uma forma geral, ou seja, não somente os canonizados. O marginalizado tem muito valor dentro da literatura de Mato Grosso.

Um fato interessante na literatura do Estado é que em meados dos anos 70 os autores mantinham intercambio, havia um costume pela crítica literária que contribuía muito para o aprimoramento e peso para uma publicação. Hoje não existe mais essa troca, essa análise proposta entre os próprios autores. Mas, a literatura mato-grossense ganha novos nomes. Alunos de graduações publicam, ainda que de forma incipiente, trabalhos de pesquisas nessa área, divulgando o regional. A contribuição de Dutra com seu livro se destaca pela distância com o bairrismo e discursos apologéticos. Isso valoriza, abre caminhos para que surjam mais estudiosos para intercambiar e concomitantemente expandir a literatura da região. Se visualiza no livro de Hilda que o regional está vinculado organicamente com o nacional e universal. A literatura em Mato Grosso não se trata apenas de uma discussão local, é uma regionalidade aberta e pronta para uma profícua interação com o universal.

Se avaliarmos a produção literária Mato-Grossense a partir da quantidade de pesquisas e trabalhos publicados sobre o tema, somos levados a concluir que está em emersão,

em busca de valorização, ou seja, precisa-se desenvolver através da divulgação de obras publicadas que darão incentivos a lançamentos de novas.

Com base no valoroso livro de Hilda se expõe a evolução da literatura de Mato Grosso no séc. XX, identificando nomes, alguns comentários e algumas obras representativas. Serão observadas datas dos contextos e características estilísticas como ponto comum ou específico para se comparar ao cenário nacional. E posteriormente serão divulgados autores que já publicaram, mas que precisam ser reeditados para que suas maravilhosas obras sejam mais conhecidas.

Em termos de historiografia literária, os dois trabalhos mais significativos que temos são história da literatura Mato-Grossense (1970), de Rubens de Mendonça, História da cultura Mato-Grossense (1982), de Lenine Povoas. Ambas as obras são referência para a historiografia e cultura de Mato Grosso e servem para futuras pesquisas que visam aprofundar na história literária Mato-Grossense.

Segundo Rubens e Lenine a literatura em Mato Grosso se inicia com ciclo cronístico. O primeiro autor registra que o primeiro documento escrito em língua Portuguesa, em Cuiabá foi uma ata aos 08/04/1719, e o primeiro livro foi “Crônicas de Cuiabá”, de autoria de Barbosa de Sá em 1775. A seguir tem-se Joaquim Da Costa Siqueira com a “Crônica da Província”, no período de 1776 a 1877. Além desses, Rubens cita Jose Zeferino Monteiro de Mendonça, Felipe Jose Nogueira Coelho, Padre João Cabral Camelo, Padre José Manoel de Siqueira e Manoel Cardos de Abreu como representantes do ciclo de crônicas Mato-Grossenses no Brasil colônia. Lenine Póvoas cita que com a presença de expedições científicas em Mato Grosso após o tratado de Santo Idelfonso em 1777, surgiram as comissões para a demarcação das fronteiras que provocou a produção das variadas crônicas. Ricardo Franco de Almeida Serra deixou as obras, “Extrato da descrição da capitania de Mato Grosso, Reflexos sobre a capitania de Mato Grosso, Navegação do tapajós para o Pará e Diligência no rio Paraguai”. Francisco de Lacerda e Almeida escreveu “Diário de Viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato grosso, Cuiabá e São Paulo”. Antonio Pires da Silva Pontes contribuiu com “Diário de Diligência e Reconhecimento das Cabeceiras do rios Sarará, Guaporé, Tapajós e Jaurú, Memórias Físico-Geográfico das Lagoas Gaíva, Uberaba e Mandioré, Um Diário de Viagem no Rio Guaporé e Notícias do Lago Xaraés”.

Alexandre Rodrigues Ferreira foi autor de “Suplemento à memória dos rios de Mato Grosso, Enfermidades Endêmicas da Capitania de Mato Grosso, Memórias sobre as febres da capitania de Mato Grosso e o Catálogo da Verdadeira posição dos lugares

declarados pertencentes às capitanias do Pará e Mato Grosso”. Além de Alexandre, Póvoas ainda cita Luiz D’ Alincourt, Augusto Leverger, Cônego José da Silva Guimarães, Joaquim Ferreira Moutinho Bartolomé Bossi, Henrique de Beaurepaire Hohan, João Severino da Fonseca, Hebert H. Smith, Carlos Van Den Steinen , Paulo Ehrenreich, Pedro Vogel e João Barbosa Rodrigues como principais expoentes desse período.

Dentro desse período a comparação que se faz entre o regional e o nacional é que a literatura de Mato Grosso se iniciou igualmente a literatura Brasileira e também a Portuguesa, com crônicas que destacavam a história, a geografia, a características da terra e dos povos. Os trabalhos literários Mato-Grossenses começam aludindo a data de 1429 em Portugal na época das crônicas de Fernão Lopes e saltam escolas literárias que floresceram na época em que Mato Grosso não existia.

Com a fundação do Estado a prática literária tem se apresentado de forma sincrônica e com freqüência, apesar de tênue. A arte literária em Mato Grosso propriamente dita de acordo apontamentos de Rubens de Mendonça, teve início com José Zeferino Monteiro de Mendonça, nascido em Lisboa em 1740, este autor escreveu várias poesias mas, não deixou nenhum livro publicado. Depois disso Rubens aponta Antonio Cláudio sóido como um pré-romântico. Sóido (capixaba, 1822-1889) publicou “O corsário (tradução de Byron), Lembranças de Montevideú, A menina oriental (poemeto), Para os pobres (tradução de Victor Hugo) e O batel (poemeto)”. R. de Mendonça ainda cita como romântico Antonio Gonçalves de Carvalho, Amâncio Pulquério de França (Palmiro, bastante influenciado por Casimiro de Abreu), Manoel Ribeiro Tocantins e o verdadeiro corifeu do romantismo no Estado, José Tomás de Almeida Serra (Cuiabá, 1866-1889) com toda influência de Álvares de Azevedo e Fred Musset. A época romântica segue com Pedro Troy (Cáceres 1872-1926), Frederico Augusto Prado de Oliveira (Zé Capilé, 1874-1914), Antônio Tolentino de Almeida (Rosário Oeste 1876-1939, autor de *Ilusões Doiradas*, 1910; *A índia rosa*, 1910; *Retirada da Laguna*, poemeto 1930 e *Romeiros do ideal*, 1937), Fábio Monteiro de Lima (Cuiabá 1883-1946), Indalécio Proença (Cuiabá 1891-1969), Antonio Vieira de Almeida (Cuiabá 1873-1916, o autor do livro *Contos de outras Eras*), Isaac Póvoas(Cuiabá 1886-1970), Amarílio Novais (Cuiabá 1888-1963), Cesário Corrêa da Silva Prado (Cuiabá 1891-1969) e Francisco Bianco Filho (Minas 1901-1947, autor de *Mirko*, romance de costumes regionais, 1920).

Em relação ao estilo romântico das obras e autores citados anteriormente pode-se comparar datas, contextos, características, pontos comuns e específicos em relação à literatura regional e nacional, visto que se pretende mostrar tais comparações nas várias

escolas literárias nos próximos parágrafos como já fora explicado anteriormente. Se repete o esclarecimento para enfatizar o momento comparativo e não perder o paralelo.

Comparando: Por volta de 1774, últimos anos do século XVIII o romantismo começa a florescer no mundo. Goethe na Alemanha, Lord Byron na Inglaterra, ambos vivendo em um mundo em evolução acirrada onde a burguesia toma o poder e a industrialização se desenvolve a todo vapor. Nesse mundo iniciou-se a fase romântica despegando-se do passado recente, trocando o bucolismo, a antiguidade clássica, o tema do descanso contra o stress através da natureza por uma arte própria, inovadora assim como o contexto o era. O romantismo se inicia com característica como o sentimentalismo, subjetivismo, irracionalismo, ou seja, se renova com a busca para a libertação das normas acadêmicas, das igrejas, das cortes, das normas e da tradição. Essa fase está subordinada ao quadro histórico que processou.

No Brasil com a chegada da família real, o que é da Europa é trazido para a colônia. Os prenúncios de independência se destacam com o nacionalismo e a exaltação da natureza pátria. Em 1836 em meio a um processo de busca pela independência política nasce o período romântico no país, considerada a literatura propriamente nacional devido as mudanças econômicas e políticas que geravam um nacionalismo, que por sua vez era criado de modo subjetivo, e um sentimentalismo criado para proclamar ainda mais as importantes transformações ocorridas no país quebrando padrões e tradições. Seguindo essas características que mostram que a arte sai do convencional clássico e passa para o subjetivismo popular, se produzem três fases do processo romântico.

A história de Mato Grosso se inicia em 1719 as margens do rio Coxipó com a descoberta do ouro pelo bandeirante Pascoal Moreira Cabral que se tornou por meio de uma certidão lavrada, capitão mor desse território. Em 8 de Abril de 1719 Pascoal já produz a ata de fundação de Cuiabá e logo em 1722 Miguel Sutil, agricultor sorocabano, descobre ouro e então sua se divulga por todo o Brasil colônia e a revolução rumo ao desenvolvimento se inicia. Por carta régia o governo Português, aos 9 de maio de 1748, criou a capitania de Mato Grosso, desmembrando-se da capitania de São Paulo, enviando como capitão geral Antonio Rolim de Moura.

Já em 1752 houvera a criação da Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso. Durante ao período regencial, épocas de grandes lutas pela consolidação da independência, eclodiu em Mato Grosso a Rusga que foi um movimento social de rebeldia em 1834 no governo do coronel João Poupino Caldas. Após esse

movimento em 22 de setembro do mesmo ano tomou posse do governo da província de Mato Grosso Antônio Pedro Alencastro que mudou definitivamente a capital para Cuiabá. Em 1864 o estado Mato-Grossense sofreu ataques devido a guerra do Paraguai sendo mais uma ação que prenunciava e proporcionava mudanças. O processo de independência do país, os prenúncios da república, as revoluções, a evolução do capitalismo e a independência da América latina geraram consequências econômicas, políticas, administrativa, sociais e culturais no Brasil, e concomitantemente em Mato Grosso.

Sendo assim, a atividade de escrita no período romântico em Mato Grosso decorreu-se em datas contemporâneas alusivas à Europa e o Brasil colônia, meio a um contexto cheio de mudanças em múltiplos aspectos que deram origem as suas características como em todo lugar onde essa etapa ocorreu. Entre a literatura de Mato Grosso e a nacional clássica o ponto comum são as datas e o contexto revolucionário que gerou as características, e o ponto específico é a peculiaridade, o tiques de cada autor, algo óbvio como diferencial no paralelo entre escritores.

Sob a égide do parnasianismo e influenciados por Olavo Bilac, Rubens de Mendonça relaciona, dentre outros, os seguintes autores: Otavio Cunha Cavalcante (Pernambuco, 1884-1958, autor dos inéditos *Folhas Verdes no Outono e Poema*), Rosário Congro (São Paulo, 1884-1963, autor de Inaiá - poemeto, *Sombras do Acaso-Verso*, *Colunas Partidas*, *Outras Ruínas e Últimos caminhos*), Arnaldo Serra (Cuiabá, 1885-1946, autor de *Páginas Íntimas*, *Contos Regionais* 1929, *Aronitas* versos, 1932 e *Cenas de Minha Terra*, inédito), Dom Francisco de Aquino Corrêa (Cuiabá, 1885-1956), João Nunes da Cunha (Cuiabá, 1885-1930, autor do livro inédito *Selvas*), Luiz Terêncio de Figueiredo (Cuiabá, 1889-1947, cujo livro – *Versos* – registra o historiador, ter se extraviado), Ulisses Cuiabano (Cuiabá 1891-1951, autor do inédito *Grupiaras*), Sotero Caio de Araújo (Corumbá, 1891-1958), humorista, autor do livro *Ex-tudo*, de versos matemáticos -1916), Carlos de Castro Brasil (Corumbá, 1905-1976), José Barnabé de Mesquita (Cuiabá, 1892-1961, tido por Rubens de Mendonça, como o mais profícuo escritor Mato-Grossense, com as obras *Poesias* 1919, *Terra do berço* - poesias 1930, *Espelho de almas* - contos, Prêmio ABL -1932, *Piedade*, romance 1937, *Três poemas da saudade* – poemas 1943, *Escada de Jacó* – sonetos 1945, *No tempo da cadeirinha* - conto regionais 1946, *Poemas do Guaporé* – poemas 1949 e *Imagem de Jaci* - inédito).

José Antônio da Costa (Paraíba, 1893-1962, poema repentista), Mari De Arruda Muller (Cuiabá, 1898, poetisa fundadora do Grêmio literário Júlia Lopes), José Raul

Vilá, (Ponta Porá, 1899-1956, autor de *Rondônia*, poema 1918), Jerzy Jacob, pseudônimo “João Jacó” (mineiro, 1899-1968, autor de *Sombras do Além* – poemeto, *Frei André* – poemeto, *Musa discreta* – poesia 1926, *Missal do sonho* 1948, *Rimas Pagãs* - Soneto e *Sinfonia da Alma* - sonetos 1961).

O parnasianismo foi um movimento que nos últimos anos do século XVIII e nos primeiros vinte anos do século XIX andou junto ao realismo e o naturalismo. As transformações e conseqüência da primeira fase da revolução industrial e o início da segunda fase mostraram ao mundo que o desenvolvimento foi bom mais afetou o homem com o capitalismo selvagem. Além disso, nessa época houve a eclosão de descobertas científicas e teorias filosóficas que serviram para uma reflexão sobre o caráter humano. Em meio a essas mudanças o realismo vem para reagir contra os ideais românticos, dizendo que o anúncio romântico já se foi, a exaltação das transformações, da natureza e da pátria encontram-se em incoerência com a realidade em questão. O naturalismo aparece para coadjuvar com o cientificismo contemporâneo e mostra o homem como ser instintivo com características animais ligadas à evolução das espécies de Darwin e ao determinismo de Hypolite Taine onde é afirmado que o homem é fruto do meio. Nesse contexto nasce o parnasianismo aludindo ao classicismo em relação á perfeição da escrita e das normas a serem aplicadas. Parnaso era o lugar onde os Deuses moravam, um refúgio, uma fortaleza. Sendo assim, a fase parnasiana era um escudo contra o mundo transformacional presente, o artista se preocupava somente com o trabalho das palavras dentro das poesias e suas formas apuradas mas, não havia uma reflexão sobre o que estava acontecendo com o espaço social da época.

Olavo Bilac já iniciou seu ofício comungando com a estética do movimento pois, deste o princípio buscou a perfeição formal. Tinha a preocupação de escrever versos alexandrinos e concluir com chaves de ouro, mesmo que para isso assumisse uma postura forçada. Segundo Bilac, o poeta deve trabalhar a poesia pacientemente, do mesmo modo que um ourives trabalha uma jóia, buscando o relevo, a perfeição, a Deusa forma. Características dos escritores parnasianos Mato-Grossenses que também se referenciaram em Bilac.

Os pontos comuns com a literatura clássica são as datas dos contextos vividos que promoveram o realismo, naturalismo, parnasianismo e o fato de não haver singularidades marcantes entre os autores clássicos e regionais, vista somente a observância da expressão meramente formal. O ponto específico é o fato de Mato Grosso não haver produzido o realismo e o naturalismo, somente o parnasianismo embora os três tenham caminhado juntos na arte literária nacional. Essa conjectura tem base em na exposição de Rubens de Mendonça.

No Rol dos simbolistas, Mendonça cita Pedro Medeiros (Corumbá, 1891-1943, no dizer do historiador, um dos melhores poetas Mato-Grossenses, autor de 13 de junho - Poema e Poesias, Crônicas e Comentários), Franklin Cassiano da Silva (Corumbá 1891-1969) e Leônidas Antero de Matos (Cuiabá, 1894-1936), todos de pouca produção.

A visão simbolista propunha uma libertação do homem. Devido à guerra mundial e por causa da revolta da Armada e revolução federalista no Brasil, nasce um clima de frustração e angústia. Deixa-se então, o materialismo e passa-se a refletir sobre o subjetivo do homem, suas manifestações espirituais, o culto do “eu” mas não o eu romântico, e sim a alma. Os poetas queriam a sublimação e para isso era preciso a morte, uma evasão para que a alma se libertasse do corpo, um refúgio para as conseqüências do insustentável desenvolvimento industrial. Datado entre o final do século XIX e início do século XX, o movimento simbolista caminha junto com o realismo, naturalismo e parnasianismo e concretiza a crítica em relação ao contexto materialista presente. O ponto comum entre os simbolistas Mato-Grossense e os clássicos é o contexto contemporâneo que leva as mesmas características. O ponto específico está nos tiques de cada autor.

No que respeita a estética do século XX, Rubens caracteriza como pré-modernos todos os autores surgidos no período de 1900 a 1920. Manoel Cavalcanti Proença, (Cuiabá 1905-1966, tido, pelo autor como o único escritor mato-grossense capaz de entrar para a Academia Brasileira de Letras), e Hélio Serejo (Nioaque, 1912), autor de mais de três dezenas de livros, dentre os quais Zé Fornalha, Carreteiro de minha terra e Mãe Preta. Figuram ainda como pré-modernos os autores Clodoaldo D’Alincourt Sabo de Oliveira, Gabriel Vandoni de Barros, Carlos Vandoni de Barros e Jarí Gomes.

No Brasil, os primeiros vinte anos do século XX apresentaram uma vasta e diversificada produção literária. De fato, essas duas décadas marcam um longo período de transição entre o que era passado (representado pelas manifestações que se prolongavam desde o século XIX) e o que seria chamado de moderno (a arte posterior as tendências de vanguarda). Aí, vai-se encontrar as mais variadas tendências e estilos literários, desde poetas parnasianos e simbolistas, que continuavam a produzir, até os escritores que começavam a desenvolver um novo regionalismo, além daqueles mais preocupados com uma literatura política e outros ainda, com proposta realmente inovadoras. O que se convencionou chamar de pré-modernismo, no Brasil, não constituiu uma escola literária, ou seja, não temos um grupo de autores em torno de uma mesma idéia, seguindo determinadas características. Na realidade, pré-moderno é um termo genérico que designa a produção literária de alguns

autores que não sendo ainda modernos, já promovem ruptura com o passado. Os pontos comuns entre o regional e o clássico neste período são, a data contextual que influenciaram obras com prenúncios da ruptura do passado. Os pontos específicos supostamente se referem somente a singularidades de cada autor.

No modernismo, Rubens de Mendonça situa, dentre outros, Lobivar Matos (Corumbá, 1914-1947), João Alípio de Almeida Serra (Cuiabá 1914-1934), Henrique Rodrigues do Vale (Corumbá 1915), Rubens de Castro (Bahia 1950), Rubens de Mendonça (Cuiabá 1915-1983), Gervásio Leite (Cuiabá 1916-1990), Manoel de Barros (Corumbá 1916), Euclide Mota (Ceará 1917-1968), Corsídio Monteiro da Silva (Cuiabá 1918), Renato Baéz (Porto Murtinho 1920), João Antonio Neto (Couto Magalhães 1920), Padre Wanir Delfino Cezar (Cuiabá 1922-1972), Nilton Alfredo de Aguiar (Cuiabá 1923), Tertuliano Armarilha (Campanário 1924) Francisco Leal de Queiroz (Paranaíba 1927), Wladimir Dias Pino (Cuiabá 1927), Vera Randazzo (Caxias do Sul 1927), Aduino de Alencar (Asserê 1931), Amália Verlangerie (Cuiabá, 1930) e Ronaldo de Arruda Castro (Cuiabá 1941).

O período de 1922 a 1930 é o mais radical do movimento modernista, justamente em consequência da necessidade de definições e do rompimento com todas as estruturas do passado. Daí o caráter anárquico dessa primeira fase e o seu forte sentido destruidor. Ao mesmo tempo em que se procura o moderno, o original e o polêmico, o nacionalismo se manifesta em suas múltiplas facetas: uma volta às origens, a pesquisas de fonte quinhentistas, a procura de uma língua Brasileira (a língua falada pelo povo nas ruas), as paródias – numa tentativa de repensar a história e a literatura Brasileira – e a valorização do índio verdadeiramente Brasileiro. É o tempo do manifesto da poesia Pau-Brasil e do manifesto Antropófago, ambos nacionalistas na linha comandada por Oswald de Andrade, e do manifesto do verde-amarelismo ou da escola da Anta que já traz as sementes do nacionalismo fascista comandando-o Plínio Salgado. Ao final da década de 20 a postura nacionalista apresenta duas vertentes distintas: de um lado o nacionalismo crítico, consciente, de denúncia da realidade Brasileira, politicamente identificado com as esquerdas; de outro, um nacionalismo ufanista, utópico, exagerado, identificado com as correntes políticas da extrema direita. A respeito da diferença ou igualdade entre a produção de Mato Grosso e a Nacional segue como ponto comum novamente o contexto marcado pelas datas, embora tenha sido precoce o modernismo em Mato Grosso até 1949, e o específico representa a criatividade individual dos escritores.

Depois de Rubens, Lenine Póvoas também estabelece citações de autores seguindo uma seqüência das escolas literárias e relaciona como românticos os autores: Antônio Cláudio Soído, Antônio Augusto, Ramiro de Carvalho, Antônio Gonçalves de Carvalho, Amâncio Pulchérico de França e José Thomaz de Almeida Serra. A respeito da poesia épica, satírica, parnasiana, e simbolista, Póvoas cita os escritores Pedro Trouy, Frederico Augusto Prado de Oliveira, Antônio Tolentino de Almeida, Fábio Monteiro de Lima e Indalécio Leite Proença, dos quais destaca Antônio Tolentino de Almeida autor de *Ilusões Doiradas* 1910, *A índia Rosa* 1910, *Mil vezes salve* 1929, *A retirada da Laguna* 1939, *Romeiro do Ideal* 1937, e Indalécio Leite Proença que editou sob o pseudônimo apenas um livro, *Sátiras Anônimas*, criticando o governo de Dom Aquino. Por sua veia satírica, o escritor o denomina o Gregório de Matos de Mato Grosso. Como precursor do modernismo, Lenine aponta o grupo de poetas de Corumbá e destaca Carlos Vandoni de Barros que na visão de Póvoas foi o primeiro a escrever versos modernistas no estado. Lenine ainda cita autores que ajudaram na revista *Pindorama*: Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, Euricles Motta, Corsíndio Monteiro, Carmino de Campos, Agrícola Paes e Barros, João Antônio Neto, Lobivar de Barros, Alceste de Castro e Manoel de Barros. O historiador Lenine ainda relaciona autores contemporâneos como Deocleciano Martins de Oliveira, João Antonio Neto, Agenor Ferreira Leão, Newton Alfredo de Aguiar, Tertuliano Armarilha, Wladimir Dias Pino, Vera Iolanda Randazzo, Adauto de Alencar, Benedito Sant'Ana Da Silva Freire, Ronaldo de Arruda Castro, Amália Verlangieri, Guilhermina de Figueiredo, Benilde Borba de Moura, Carlos Gomes de Carvalho e Padre Antônio Rodrigues Pimentel.

Merece atenção a compilação de nomes feita por Mendonça e Póvoas pois muitos dos escritores citados não têm obras publicadas e somente aparecem devido aos registros dos historiadores. Então, a partir da informação de Rubens e Lenine é possível buscar um estudo de revisão atualizada da época citada pelos escritores dentro da produção literária Mato-Grossense, aperfeiçoando um estudo já realizado. Tem-se essa necessidade porque para definir e julgar se uma obra é ou não de uma determinada fase é necessário refletir sobre algo escrito, o que coloca a metodologia Rubens e Póvoas em xeque.

Em relação à comparação entre literatura de Mato Grosso e a Brasileira Clássica segundo a pesquisa de Póvoas e Mendonça pode-se já perceber que a diferença está no painel literário e nos tiques individuais dos escritores e a igualdade está na influência contextual marcada pelas datas dos acontecimentos e no estilo aplicado pelos autores que definem a escola literária aludida. O Painel literário brasileiro se realiza com os seguintes

estilos de época: Quinhentismo, barroco, arcadismo, romantismo, realismo-naturalismo-parnasianismo, simbolismo, pré-modernismo e modernismo.

Os estilos de época de Mato grosso aludem inicialmente ao humanismo e ao quinhentismo por apresentar crônicas de aspectos histórico-geográfico. Depois salta direto para o romantismo, após suprime o realismo e naturalismo e se encontra no parnasianismo. Logo em seguida aparece com o simbolismo e lentamente com pré-modernismo e modernismo. As peculiaridades dos autores são também pontos específicos indiscutíveis e serão vistas no estudo de alguns autores de Mato grosso no decorrer da divulgação dos mesmos nesse trabalho. A igualdade se relaciona ao contexto, visto que o lado externo move o íntimo do escritor para que o próprio escreva. É impossível escrever com aspectos predominantes simbolistas em uma época em que o externo e a tendência da escrita conduzem ao romantismo. Os escritores acompanham os acontecimentos de mundo e as novidades na escrita para que possam ser lidos, ou seja, um estilo de época invade sua produção.

Com supedâneo ao livro de Hilda Magalhães caminha-se pela história da literatura Mato-Grossense com o escopo de expor, dentre vários, alguns de seus escritores.

No início do XX Mato Grosso (Cuiabá) encontrava-se isolado do restante do país. Para chegar a capital brasileira passava-se por três países estrangeiros (Paraguai, Argentina e Uruguai), e a viagem sempre demorava no mínimo três meses. A comunicação praticamente não existia, havia apenas um telégrafo que funcionava precariamente. A principal economia do Estado era a extração da borracha, coisa não duradoura. E no campo político Mato Grosso nessa época estava em turbulências devido rivalidade dos líderes Generoso Ponce e Manoel Murinho. Mesmo depois da morte de Murinho a violência continua sendo um traço na política local. Até que por eleição aparece um governo neutro representado por Dom Aquino, que assume o poder em 1917. Já haviam rumores de modernidade no Estado como a fundação da escola normal e modelo para a juventude Mato-Grossense. Inaugurou-se a primeira empresa de telefonia urbana e também surgem os cinemas. No governo de Dom Aquino floresceu a intelectualidade em Mato Grosso com a criação do observatório meteorológico e sismográfico, do instituto histórico e geográfico de Mato Grosso e do Centro Mato-Grossense de Letras, que viria a se transformar mais tarde na Academia Mato-Grossense de Letras. Houve nesse ínterim a queda do teatro por causa da chegada da modernidade do rádio e o cinema e sincronicamente nasce um rumo a arte literária com o surgimento de jornais literários e grêmios estudantis que foram fermento para a vida cultural da época, assim como o teatro foi nos séculos anteriores.

Dessa forma, registra Lenine Póvoas a criação nas duas décadas do século XX, do Clube Internacional de Estudos Científicos (1904), dos Grêmios Literários Olavo Bilac (1908), Álvares de Azevedo (1911), Júlia Lopes (1916) e Castro Alves (1925), do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e do Centro Mato-Grossense de Letras (1921), dentre outros. No que respeita aos jornais e revistas literárias entre 1910 e 1920 se destacam o *Automatismo*; *O colibri* - órgão noticioso humorístico e literário; *O cruzeiro* - órgão dedicado às letras, pilhérico e noticioso; *Escola* - folha literária jovial e crítica; *A juventude* - periódico literário, crítico, esportivo e noticioso; *A letra* - órgão da sociedade literária Rui Barbosa; *O Mato Grosso* - revista mensal de Ciências, letras e variedades; *O pharol* - órgão literário, crítico e noticiosos; *A violeta* - órgão do grêmio literário Júlia Lopes; *A imprensa* - periódico literário, crítico e noticiosos; *O ferrão* - critica, dá notícias e faz literatura.

E nesse desenvolvimento surgem os primeiros escritores caudatários da estética do século passado como Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Zé Capilé, Aprígio dos Anjos, Indalécio Proença e Arlinda Morbeck.

Aquino Corrêa genuinamente Mato-Grossense teve mente privilegiada, nasceu em 1885, às margens do rio Cuiabá e logo em 1915 era o bispo mais novo do mundo, muito em breve em 1917 já era o governador mais jovem do Brasil e não obstante em 1926 foi o primeiro e único Mato-Grossense a se eleger na Academia Brasileira de Letras. Escritor com vários recursos e com uma verve retórica esplendida foi influenciado por Virgílio, Ovídio, Horácio, Dante, Castilho, Camões, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Rui Barbosa e outros. A poesia aquineana tem um apuro formal seguindo os moldes parnasianos com purismo lingüístico, léxico erudito e nobreza temática. Mas, era contra o parnasianismo decadentista que era alheio aos problemas sócios finisseculares. Dom Aquino tinha um compromisso com a Terra natal, a Religião e a Pátria. Merece destaque o poema onde Corrêa canta Cuiabá (*Terra natal*) do início do século e que acabou conferindo á capital o epíteto de cidade verde:

“Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
Tão verdes sombranceiras
E lindas como alhures não as há,
Sobre alcatifas da mais verde relva,
Em meio a verde silva,
Eis a ‘cidade verde’: Cuiabá!
Guardam-na frente a frente,

Quais gigantes eternamente amantes,
 Os seus dois morros, e tão verdes são,
 Que até refletem plácido verdores
 nos lares cismadores,
 Que enchem do vale a plácida mansão.
 Muita vez, na amplidão do céu ridente,
 Que tão macramente,
 sobre ela curva o cérulo matiz,
 Passa a nuvem dos verdes periquitos,
 Gárrulos e infinitos,
 Qual chusma de esperanças infantis.
 Passa! ... e na calma do horizonte verde,
 que além no azul se perde,
 Ela adormece ao ósculo fugaz centrando a barcarola
 Infinita dos beijos e da paz.” HILDA (2001: 45)

Em alusão a religião o Padre Antônio Rodrigues Pimentel afirma que o sentido e consciência estética de Aquino são colocados a serviço do Bem e dos dogmas da igreja. Alusivo ao patriotismo Dom Aquino se revela de duas formas: a primeira através de poemas que cantam a grandeza da pátria ou terra natal como no poema citado anteriormente; a segunda pelo engrandecimento dos heróis oficiais, o que pode se ver na segunda parte do poema Terra natal no Texto ‘Moreira Cabral’ :

“Jazes na tumba de ouro deste solo,
 Sob a cúpula em flores do coqueiral,
 E as estrelas gentis de um novo pólo,
 Bravo conquistador, nobre Pascoal !

Tu, sangue de Cabral, foi teu consolo
 Sonhar, com ele, um misterioso ideal:
 Ele, afrontando o mar, para transpô-lo,
 Tu, vencendo sertão largo e brutal.

Hoje, a teu lado, ao pé da fúlgida haste
 Da Cruz, que neste chão ergueste, audaz,
 Palpita no grande povo que fundaste.

E tu, voltando para o céu risonho
 Dormes, ó velho bandeirante, em paz,
 Sepulto no eldorado do teu sonho! HILDA, (2001:47)

Coadunado com suas bases o escritor tecia um tom didático pedagógico; épico, capaz de divulgar fatos históricos de Mato Grosso e ainda apresentava discursos ou sermões por que fora o último da estirpe dos grandes oradores sacro-poéticos, pois no século XX essa atividade perdeu sua nobreza e os grandes oradores pela comunicação de massa. A obra de A. Corrêa pode ser considerada anacrônica pois pode ser cantado em qualquer época pois, as grandes verdades atemporais que escreveu nunca passarão.

Segue-se com a razão e sensualismo na literatura de José de Mesquita. Escritor que nasceu em Cuiabá em 1882 e bacharelou-se em ciências e letras pelo liceu cuiabano em 1907 e em ciências jurídicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1913. Exerceu cargos importantes como procurador geral do estado de Mato Grosso. Foi influenciado na poesia por Bilac, Castro Alves, Alberto de Oliveira etc, e na prosa por Rui Barbosa, Machado de Assis, Guimarães Rosa etc. Escreveu sete livros de poemas: *Poesias, Terra do berço, Epopéia Mato-Grossense, Três poemas de saudade, Escada de Jacó (1945), Roteiro da felicidade (1946) e Poemas de Guaporé (1949)*. Na prosa deixou-nos três livros de contos: *A Cavallhada (1928), Espelho das Almas (1932) e No Tempo da Cadeirinha (1946)*. Sabe-se que através de carta do autor a Antônio de Arruda, que José de Mesquita pretendia lançar em 1961, ano de seu falecimento, o romance *Imagem de Jaci*, que já tinha capítulos publicados em “O estado”, projeto que não deu prosseguimento. Seus textos vieram a lume nos mais prestigiados órgãos publicitários do país como *Revista do Brasil, Ilustração Brasileira, Jornal do Comércio e Revista da Academia Brasileira de Letras*.

A priori, Mesquita escreve em tom reflexivo racional apolíneo como se pode notar em “Firmeza” onde o leitor é convidado ao refinamento do espírito, formando didaticamente o homem comum:

“Que te importa o tufão? Fita-o de frente erguida,e,
 da refrega em meio, ergue, altaneiro, o porte.
 O home é tanto mais senhor da sua vida,
 Quanto mais a despreza, e olha, serena, a morte.

Enrija a tua fé, faz dela o elmo na lida.
 É no crisol da dor que o homem se torna forte.
 Aprende a suportar da alma firme e aguerrida,
 A inconstância e o furor dos vendavais da sorte.”HILDA (2001: 56)

Em seguida, Mesquita, segundo Isaac Póvoas, apresenta-se grandioso com linguagem escurrita mas, com um emocional romancista, como a idealização da mulher no texto “*Neve e Fogo*” :

“A neve é menos alva que teu seio,
 Têm mais ouro que o sol os teus cabelos,
 Por isso fico deslumbrado ao vê-los,
 De frios tremo e em flamas me incendeio.

De que essência és tu feita? Donde veio,
 De que estranho país de sol e gelos,
 Essa carne que toda freme em zelos
 E esse torpor que nos teus olhos leio?”
 MESQUITA (1957-8, p.69.)

Em tom sensual, Póvoas diz que Mesquita “estava na sede dos sentidos, ou, para dizer com mais propriedade, na mulher, que é a fonte em que ela se desaltera”. PÓVOAS (1959-61, p.81). Se a sensualidade marca seus poemas, é na prosa que ela se torna mais consistente com sensações como o tato e a visão, em destaque:

“Mais familiares, os pés se encostaram, e começaram a roçar ao de leve um no outro, a sobrepor-se um ao outro, como se acariciando... E a velha toscanejava sobre o livro, o morrão da lamparina de novo entreva a crescer- com pouco os pés- que há mais audaciosos que uns pés enamorados?” MAGALHÃES (2001: 59)

“A formosura original e deslumbrante da caboclinha foi para o moço reinol uma revelação inédita... O seu todo arisco de veadinha, os seus gestos brejeiros como os dos sagüis, o seu andar balanceado na cadência das jaguatiricas novas, a sua cútis morena como o jambo e macia e pubescente como as folhas da malva, as suas mãozinhas irrequietas como dois beija-flores, as suas comas negríssimas tal a plumagem do anum, os seus lábios que eram duas pitangas maduras, o seu seio de pomba rola, a sua voz

lânguida e pausada como o canto do Jaó, no entardecer, os olhos que dardejavam lumes como as lagoas ao sol da alvorada.” HILDA (2001:59)

A mulher é um tema recorrente na obra de José de Mesquita e se encontra ligada não somente à erotização como nos trechos acima mas também à dissimulação e à santificação. Existe um amplo campo de exploração do perfil feminino em suas obras. Eunice de “A viuvinha” um exemplo das mulheres oblíquas e dissimuladas :

“Viúva havia quinze meses, Eunice era um verdadeiro enigma para todos os que a conheceram. A sua vida de casada, dura e sem episódios, não dava margens a que se interpretasse se fora feliz ou não, e, interrogada pelos mais íntimos a seu respeito, se limitava a sorrir sem nada a dizer. O seu processo de desnortear as vistas mais audazes era sempre pelo sorriso, invencível, enigmática e poderosa arma de que se servia superiormente”. HILDA (2001:61)

No romance “Piedade” embora com destacada nevrálgia e pessimismo ultraromântico (outro traço da prosa de Mesquita) aparece a mulher santa abnegada e assexuada, nos termo de mulher beatificada do romantismo:

“Uma tarde fria, de chuva e vento, Piedade se convence da sua conquista: Havia conseguido o milagre do amor, pois em lhe sendo impossível humanamente vencer a rival mais poderosa que lhe arrebatava o amante amado, aos menos lhe era agora consolo saber que também seria dentro em pouco presa da mesma inimiga, que já assim se veria frustrada, no plano sinistro de separá-los. E foi sorrindo, numa expressão de ternura infinita, que na ampla sala de jantar, silenciosa e fechada, se dirigiu ao esposo, estendido numa espreguiçadeira, na sua crise espasmódica: - Paulo... Paulo... que feliz que eu sou! Deus deu-me a graça de participar de seu padecimento e acompanhá-lo na viagem”. HILDA (2001:63)

Além da mulher o autor privilegia a introspecção e os costumes locais. No livro *Cavallhada*, composto por dez contos, se observa as incursões do autor pelo sobrenatural, explorando as crenças, usos e costumes da região sertaneja, tudo isso aliado a uma maestria em contos. No conto “história de uma tapera”, por exemplo, conta-se a estória de Branca, cujo seu futuro estava ligado a uma roseira branca plantada no dia do seu nascimento. A moça se apaixonou por um mocinho que a abandona. Com isso ela adoece e morre ao mesmo tempo em que a roseira é levada por uma enxurrada. Como se vê a narrativa tem a temática transcendental, espiritual, um mistério existente entre a moça e planta.

José Fernandes define este estado com um clima fantástico, “é, muitas vezes, criação da própria imaginação, ou do próprio substrato cultural impregnado em cada ser, fazendo-o sentir e ver, em circunstâncias propícias, o sobrenatural no natural”. FERNANDES (1992, p.240.).

No que diz respeito aos costumes os textos de José de Mesquita atua com frequência: Cuiabá de antanho e antiga capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, com sua cultura, suas lendas e tradições. Cita-se “A cavalhada!” do livro homônimo, que reproduz o clima de festa da Cuiabá do século XIX:

“Era belíssimo o aspecto da praça, à aproximação da hora da cavalhada. Crescente animação parecia fazer convergir para aquele ponto toda a vida da cidade. Dos bairros mais centrais, como dos mais afastados, famílias em grande número chegavam a cada momento. A gente rica era seguida do brilhante séqüito de escravos, que conduziam doces e bolos em cestas de vime ou em bandejas cobertas de artísticas toalhas de crivo e bilhas de água fresca da prainha. Os criolinhos iam diante, carregando as crianças menores: atrás desfilava o grupo das velhas de xale e chinelas, trazendo potes à cabeça, Mochos e banquetas em baixo do braço. As sinhazinhas, nos seus garridos trajes, penteados da moda, ricas arrecadas brilhando ao sol, vinham, numa pareirice, falando das festas daqueles dias. As senhoras, com seus vestidos de praça e ricos mantos de peso, conversavam, a passo vagaroso, acerca dos assuntos do dia, a chegada do novo capitão general, a moléstia da mulher do Ouvidor e a fuga dos escravos dos engenhos da Serra-Acima. Pelas imediações do local notava-se o burburinho confuso dos grandes ajuntamentos”. HILDA (2001:69-70.)

Prossegue-se o trabalho com a prosa satírica: Zé Capilé, Aprígio Dos Anjos e Indalécio Proença. Em Mato Grosso, a sátira esteve desde 1830, muito ligada à política local. Nos dois primeiros decênios do século XX ocorriam desavenças políticas entre Generoso Ponces e Antônio Paes de Barros. Em consonância a essa “briguinha” destacou-se o poeta satírico Frederico Augusto Prado de Oliveira, o “Zé Capilé” que publicou os memoráveis versos no jornal “A Coligação” se opondo ao governo de Antônio Paes de Barros em 1903-1906:

“Uma coisa mi bule n’ispinha
E mi dá um tremo na pacuéria;
É num vê meus patrício ninhum
Qui mereça justiça – divéra!

Só se vê a canáia di baixo

Pau rodado que aqui incaiô
 Priquitada im redó du governo
 A xupá todo nosso suo.”
 MENDONÇA (1978, p.25.)

Assim surgiram mais jornais políticos como “A liça”, que fazia oposição ao governo de Caetano Albuquerque e “O gladiador” dirigido por Aprígio dos Anjos, jornal que defendia o governo. Aprígio se destacava muito e ficou marcado pela resposta que deu ao escritor Flanklin Cassiano da Silva que escreveu sátiras usando pseudônimo de Herodes. Então, Anjos contestou ridicularizando o poeta do jornal da oposição, colocando em dúvida sua masculinidade, sua inteligência e suas potencialidades literárias:

“Não sabem quem é Herodes,
 O jornalista poeta
 Que tem cara de pateta
 E anda na rua de brim?
 Pois bem, Herodes , senhores,
 É professor marca esfria,
 Que toca flauta de dia
 E à noite toca flautim.

Não sabem quem é Herodes,
 O morenito dengoso,
 Todo metido a fogoso
 E mestre de português?
 Pois bem, Herodes, senhores,
 É aquele que, tendo calma,
 Frequenta a rua da palma
 Número cinco talvez.

Não sabem quem é o Herodes,
 Feio, de rabo comprido
 Que há pouco foi demitido
 Por ser professor fobó?
 Pois bem, Herodes, senhores,
 É um moço valente e tonto
 Que, ao dar meia noite em ponto
 Levanta para brigar só...

(..)
não sabem quem é o Herodes,
o literato de borra,
que carrega muita zorra,
e vive sem suspensório?
Pois bem, Herodes, senhores,
Por ter calma e certo jeito,
É camarada do peito
Do celebrado Gregório...

Não sabem quem é Herodes ,
Aquele rapaz aborto,
Que fabrica verso torto,
No mais cruel desvario?
Pois bem, Herodes, senhores,
É um moço que tem vontade
De residir de verdade
Lá no largo do rocio.

(...)
não sabem quem é Herodes,
governador do desvio,
que tem um estro sombrio,
e sofre de dor no punho?
Pois bem, Herodes, senhores,
Devia, sem perder vasa,
Vir morar na nossa casa
À rua treze de junho...

Não sabem que é o Herodes,
A imitação de um quiabo,
Que mandou tosar o rabo,
Para que possa correr?
Pois bem, Herodes, senhores,
É aquele mesmo sujeito,
Que tem um grande defeito,
Que não se pode dizer...

Não sabem quem é o Herodes,

Triste bufão do grande monde
 Que o nosso lima do bonde
 Anda lhe dando por trás?
 Pois bem, Herodes, senhores,
 Mau grado não ser criança,
 Possui a voz muito mansa
 E agrada agente demais...

Não sabem quem é o Herodes,
 O magricelo lingüiça,
 Poeta magro d'A Liça,
 De perna de macarrão?
 Pois bem, Herodes, senhores,
 É um professor rebentado
 Que tem um vício safado
 Cria cabelo na mão. MENDONÇA (1969, p.38.)

Outro poeta satírico brilhante foi Indalécio Proença Leite, que segundo Rubens de Mendonça produzia versos apimentados e arrasadores que deveriam ter somente sido comentados naquela época mas, foram publicados em folhetos e livretos. Sátiras anônimas: por um cuiabano, editado em 1918 é conjunto de quatro poemas: Sátiras anônimas, A reforma do tesouro, O banquete episcopal e O passeio da chapada. Este livreto abordava o governo de Dom Aquino que era criticado de forma indireta devido às críticas dadas a seus ajudantes.

Sendo assim, o poema *Sátiras anônimas* critica Dr. Benito Esteves, Juiz de Direito de três Lagoas e secretário de D. Aquino. Denuncia a assembléia que legisla em causa própria, a hipocrisia e o puxa-saquismo da equipe de Dom Aquino:

“Assembléia inté já fez
 Lei pra ele e Barnabé
 Um conto de réis por mês
 Não é mimo pra quarqué.”
 HILDA (2001:75)

No poema “A reforma do tesouro” há a denúncia da arbitrariedade, a censura e a retaliação no governo de Corrêa, nas atitudes de seu secretário Dr. Bento:

“Esta vaga é do Paulinho
 Gaiato. É compromisso
 O Zé se não é mofino
 Que procure outro serviço.

Plantar fumo por exemplo,
 Nas praias da conceição.
 Quero gente só do templo,
 Pessoal de devoção.

Preciso ali, desde logo,
 De dois amigo do peito;
 O Venceslau e o Diogo
 Competentes, sem defeito.” HILDA (2001:77)

No terceiro poema “Banquete Episcopal” Proença com a sua pena humorística critica os políticos de Aquino através de um jantar. Nesse, com um linguajar cabloco a cúpula governamental é satirizada como um bando de glutões. E é claro essa crítica tem uma conotação extrema, pois, pode representar a ganância por dinheiro, a querência pelo bem estar somente comum e até mesmo a falta de educação entre si:

“Tomás Durce só deu conta
 Do resto da tairina
 Seu bispo quis repeti,
 Já tava limpa a terrina!...

Josino num converso;
 Sumiu atrás de um peru
 E só levanto a cabeça,
 para estraçaiá um pacu

João Celestino comeu
 Tanta carne de vitela,
 Que inté pediu ao borrais;
 Me afrouxe bem a fivela!...

Amario e doto Tiago
 Tava muito infastiado;
 Comero apenas um leitão,
 Dois patos e três frango assado.

Tinha a barriga tão cheia
 O seu Juca da Chapada,
 Que sartô os botão da carça
 Nele dá uma gargaiada.

Foi um festa cutaba,
 Benito tanto comeu,
 Que quano vortô pra casa,
 Gumitô, adoeceu...

MAGALHÃES (2001:79)

Satirizar em Mato Grosso foi algo posto em lume, pois, além desses autores houveram ainda durante os anos de 1915-1930, Tolentino de Almeida, Isaac Póvoas, José Eustáquio, Amarílio Novis e Otávio Cunha. De 1930 a 1970 destacam-se Álvaro Novis, Fenelon Muller, Eurides Mota, Antônio Caetano da Costa e Silva, Agrícola Paes, Antônio e Moacir Costa e Silva.

A Mulher, teve desde o final do século XIX participação na vida cultural de Mato Grosso, lembrando as épocas do teatro. Já no início do século XX o feminismo se destaca dentro da literatura, inclusive em 1916 até 1950 era circulada uma revista por nome de “A violeta” que tinha o curso de espalhar as novidades literárias do estado. Este trabalho era feito somente por mulheres que se reuniram e formaram um grêmio denominado Júlia Lopes.

A publicação da época era estanke e fica fácil entender o fato de existirem em M. Grosso uma série de autores e autoras anônimos. Cita-se isso para destacar que entre esses brilhou Arlinda Morbeck com uma vasta obra sistematizada em 18 volumes mas, com apenas um livro publicado “Poesias”. Nele a autora mostra uma temática amorosa e angustiante em volta de um lirismo precioso. Seu caráter confessional é algo corajoso e que se sobressai nessa obra pelas lembranças que relatam um drama de uma alma feminina às voltas de problemas conjugais. A autora discorre por dois emblemas, o amor e angústia, desvendando como nenhum escritor de sua época, a alma feminina perdida em confissões, desejos de amores,

paixões reais, começo de decepções e angústias, libertação da tirania amorosa após viver todas as fases do amor, do surgimento até a decadência com tom pessimista. Realmente uma poesia intimista e existencial de alta qualidade. Caracterizando seu lado de confessar: “Poema introdutório à coletânea de poesias”.

“Não é vaidade, é um desejo somente,
Que tenho de ver encadernado
Meu fiel companheiro, o confidente
Dos meus segredos! Oh!... Meu livro amado!

Quantas vezes meus dias tristonhos
Suavizaste com teu meigo encanto?
Precioso relicário dos meus sonhos,
Que contém os mistérios do meu pranto!

Quantas vezes chorando eu te escrevia
Deixando nas tuas páginas a confissão
Da amargura cruel que padecia
No deserto da minha solidão?!...”

HILDA (2001:81)

O clássico e o moderno nas décadas de 1930 e 1940: A instauração do novo Estado de Getúlio Vargas trouxe para Mato Grosso grande desenvolvimento nos anos de 1930 a 1940. Surgiram as transmissões radiofônicas, os cinemas falados, aprimoramento dos correios e também a inauguração das linhas aéreas que ligam Mato Grosso e o Sudeste. Era um período de integração nacional, um desenvolvimento importante para o Estado. Mas, como o governo distribuiu terras nas mãos de poucos colonizadores e não fiscalizou o aproveitamento das mesmas, os colonos começaram a vender pedaços das interlândias distribuídas para monopólios paulistas. Apareceram os poceiros, pessoas que ficaram sem terras e de súbito padecendo necessidades.

Em meio as modificações sociais, adjacientemente surgiram novos lumes à cultura de MT. Ressurgiu o teatro com o cine teatro de Cuiabá. Na literatura se destacou a mescla entre o conservadorismo e o progressista, os moldes modernistas e os clássicos se

contrastando. A literatura da época foi plural e variada. O modernismo não atingiu seu apogeu nessa década, parecia o povo estar mais preocupado com o desenvolvimento econômico.

Nesse ínterim Hélio Serejo, “O cantor dos ervais Mato-Grossense”, nasce com toda sutileza possível ao evidenciar em suas obras a população fronteiriça de Mato Grosso do Sul, colocando em xeque seus usos e costumes no espaço geográfico entre Bela Vista, Nioaque e Ponta-Porã. Com base no povo o escritor observava as crendices, o verde e o amargo da erva, a culinária e os demais ecos folclóricos.

Alusivo a fidelidade de Serejo em escrever as tradições do povo, Lenine Póvoas afirma:

“Dos intelectuais que integram a nossa tradicional Academia Mato-Grossense de Letras, poucos têm tido uma atividade tão fecunda e tão marcante como o escritor Hélio Serejo. A penetração dos colonizadores, naquele outrora agreste sertão, a aspereza da vida naqueles ermos, a psicologia dos homens de aço, seus hábitos, as lutas do seu dia a dia, sua literatura, sua música, seu folclore, seus abusões, tudo está retratado em seus livros, com pinceladas firmes, vigorosas e de absoluta fidelidade. Tudo isso está estereotipado na obra preciosa de Serejo.” SEREJO (1983,P.7.)

Segundo Rubens de Mendonça o autor confabula uma narrativa cheia de descrições para que o leitor se sinta o mais próximo do real possível:

“Vivem neles, palpitanes e frementes – como em músculos sadios o sangue que jorra mais forte - , os tipos e costumes, o fraseado e as paisagens da nossa interlândia maravilhosa, sobressaindo de todos como animá-los a alma simples e impetuosa do caboclo, avessa a dobléz e oportunismos, às convenções e às mentiras da pseudo civilização de que se jactam os litorâneos.” SEREJO (1952, P.8.)

Zé Fornalha é uma obra preciosa do autor donde se encontram todos os aspectos da terra que o autor quer mostrar: a força sertaneja, os mistérios do pantanal, a capacidade de adaptação ao meio, a linguagem cabocla e a natureza assumindo uma afeição madastra. Além de Zé Fornalha, dentre outros, sobressaem-se os livros Mãe preta e O Carreteiro de Minha Terra, quais permanecem o crucial regional.

Sustentando a tensão entre o Clássico e o Moderno em um período contextual de mudanças alumia-se Padre Raimundo Pombo da Cruz. Este autor dramatiza a luta cultural

existente na sociedade Mato-Grossense em meados do século. Mostra de um lado, os valores tradicionais cristalizados na moral cristã e, de outro, os apelos da sociedade progressista da década de 1950. O escritor produziu o romance “A casa do vizinho” que relata a emancipação da mulher e a educação moderna e mostra a incompatibilidade que há entre a materialidade e as atividades da mulher fora de casa. O livro destaca a destruição de uma família com ingresso da dona de casa na política.

Pombo foi importante teatrólogo e publicou as peças Caduquices de avô, A múmia de Tibiriçá, educação moderna, O sinal misterioso e Herói hodierno. Nessas peças também mostrava o paralelo clássico e moderno.

Em épocas modernistas contracenava o romantismo temporário de Rubens de Mendonça e Tertuliano Amarilha. O primeiro, sendo historiador publicou crônicas pertinentes à função e várias obras. Por ser um marco na literatura Mato-Grossense opinou em variadas obras de diversos autores. Um fato interessante é que em pleno tempo de divulgação das produções modernistas nota-se Rubens caudatário as estéticas antigas, não consegue desvencilhar as idéias antigas mesmo sendo um dos fundadores da revista Pindorama, cujo objetivo era a ascensão da literatura moderna. Merecem destaque, entre várias, duas poesias que embora publicadas em épocas modernas têm fortes traços romancistas e parnasianos:

“Garimpeiro do meu sonho” (1939)

“Exposto ao sol, à chuva, o ousado aventureiro,
Já cego de ambição, busca, num tormento,
A pedra preciosa, e escava o dia inteiro
A terra a batear, em busca do sustento...

Procuramos também, qual esse garimpeiro
As pedras da ilusão do nosso pensamento;
Garimpando no sonho o nosso grande intento,
Tiramos pedras vãs, tal como esse mineiro.

E, assim vivemos nós, lutando noite e dia...
O cérebro a sondar esse abismo profundo,
A ampla mina gentil da nossa fantasia.

Cavamos, eis por fim, pedras em profusão,

Carbonato feliz qual o verso fecundo:

O poeta é um garimpeiro em busca de ilusão.” HILDA (2001:113)

“No escanfandro da vida” (1946)

“Das prupiaras do sonho aos monchões da ventura

Garimpeiro viril a buscar diamante,

Pelo “Garças” da vida eu descí triunfante

Sem temer ao revez da sorte ou da desventura!...

E aqui buscar do verso a expressão mais brilhante,

A beleza do estilo, a graça e a forma pura...

Quis o verso constante e de ideal doçura

Com toda a perfeição de um estilo elegante!...

Como esses garimpeiros em minha fantasia,

Esse rio profundo eu mergulhei risonho,

Buscando a inspiração da sublime poesia!...

“No escanfandro da vida” e cheio de ambição,

mergulho a revolver “garimpo do meu sonho”,

para somente encontrar “cascalhos da ilusão”

MAGALHÃES (2001:114)

Embora a maioria das produções de Mendonça tenha características do romantismo e parnasianismo, encontram-se alguns poemas com indícios modernos como “O poema da loucura” e “Haikai”:

O Poema da loucura:

“Loucura!

És a maior e mais sublime razão da vida!

És a embriagues do bom senso...”

HILDA (2001:115)

Tertuliano Amarilha é outro autor temporão com obras anacrônicas. Entre sua numerosa produção pode-se citar, *Vinde conhecer Mato Grosso* (1974), *Vitrais do poente* (1980) e *Sombras sobre o mundo* (1986).

“A elite de Cuiabá é muito fina. Cuida bastante da educação. Abundam homens de linda cultura, até filosófica.” PÓVOAS (1982, P.15.). Estas palavras são de Monteiro Lobato em destaque no livro *História da cultura de Mato Grosso* de Lenine Póvoas

em 1936. Separam-se essas palavras para mostrar o atraso do modernismo no estado Mato-Grossense. A semana da arte moderna ocorreu em 1922 e assim prosseguiu com as novidades em diversos sentidos da arte da escrita. Na época da citação acima (1936) o modernismo não existia ainda em Mato Grosso, textos presos ao culto de formas e estéticas e temas antigos, rastros de romantismo fortes que agarrados a um desenvolvimento econômico que também foi mais tardio nesse Estado, talvez uma das causas da demora da implantação do processo modernista. Somente em 1949 pode-se dizer ter havido prenúncios válidos do que é moderno. Por volta de 1930 Lobivar de Matos e Manoel de Barros começam a discutir a nova escola, mas muito estanque. Já em 1939 o ideal parece criar mais forças com a criação da revista “Pindorama” que visava divulgar mudanças na literatura de Mato Grosso em esteios modernos. Seus idealizadores foram Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, João Batista, Euclides Motta, Corsídio Monteiro, Carmindo Campos, Agrícola Paes e Barros, João Antônio Neto, Lobivar de Matos, Alceste de Castro e Manoel de Barros.

Essa idéia foi muito frágil na parte ideológica e estética. Mas, nesse mesmo ano lançam o manifesto Graça Aranha que visa liberar a arte escrita, possibilitando um valor as letras do povo Mato-Grossense. Os ânimos dos vanguardistas se arrefeceram com a terceira publicação do livro “Terra natal” de Dom Aquino, puro romantismo e parnasianismo, em 1940 o pensamento novidadeiro fica pungido. Todavia, a luta continuou e em 1949 surgiram as revistas: O arauto da Juventília, Ganga e Sarã. Projetos que se concretizaram com a ajuda dos iconoclastas Lobivar de Matos, Manoel de Barros, Silva Freire e Wladimir Dias Pino, quais derrubaram os mitos caudatários ao século passado.

É oportuno discorrer sobre alguns escritores dessa época transformacional no ramo das letras. Assim, Lobivar de Matos se exalta por apresentar uma poesia super nova com engajamento social. Ao invés de priorizar a classe alta em seu trabalho preferiu utilizar o submundo, miséria, lugares lúgubres. Denunciou a vergonhosa situação econômica do país através de uma produção moderna com escopos definidos e arredios aos basilares antigos e antagônicos.

Outro poeta em lume no período moderno foi Manoel de Barros com sua proposta surrealista. A sensibilidade de Manoel faz o seu leitor inferir sobre um mundo localizado entre o real e o sonho. Nele desfilam a natureza e as coisas insignificantes da vida de maneira exótica e criativa. Ocorre na obra de Barros uma recriação semântica do mundo que declara a validade da natureza e critica o capitalismo arrasador que emana jactância. Manoel tem uma vasta produção: *Poemas concedidos sem pecado* (1937), *Face imóvel*

(1942), *Poesias* (1956), *Compêndio para uso dos pássaros* (1960), *Gramática expositiva do chão* (1966), *Matéria de poesia* (1970), *Arranjos para assobio* (1980), *Livro de Pré-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *Poesia quase toda* (1990), *Concreto a céu aberto para solo de ave* (1991), *O livro das ignoranças* (1993) e *Livro sobre nada* (1996).

Um modernista que também não pode ser esquecido é João Antônio Neto. Seus tiques modernos se destacam em obras onde houve a somatória de enredos, construção e desconstrução da trama, o trâmite entre o humor e a crítica trocando o sentido das palavras ou das situações, dando-lhes um novo sentido. *Poliedro* (1970) : Senhorita Cecília Júlia,

“Havendo encontrado o seu endereço no último boletim da associação dos correspondentes, para alta cultura, e como, de há muito, desejava trocar cartas com pessoas dessa distancidade, não perdi a ocasião. Daí, a presente epístola. Também sou apaixonado pelos estudos de Arqueologia Bíblica, bem como de filosofia... Seu Patrício Perpétuo de Castro.

Para mostrar a construção e desconstrução dentro de sua escrita é cabível citar o texto denominado “A morte às soltas” qual o escritor depois de narrar o convencimento do personagem que iria morrer devido a meras coincidências, resolve destruir toda trama quando o tal caráter estava quase a caminho da morte.

Seguindo as trilhas da vanguarda Mato-Grossense Silva Freire merece ser lembrado devido as suas inovações estéticas sob a contemporaneidade. Confabulam-se o falar regional e o erudito que se coadunam numa busca constante pelo novo. Silva foi uns dos precursores da poesia concreta cujo aspecto é visual. A definição da imagem de uma cruz em alusão ao contexto do poema é exemplo do concretismo.

“Deus te salva
Cruz preciosa
Por ti salve
Quem por ti
Reuniu. Diga
Cruz N. S. Jesus Cristo que
P. tronou-se mais feliz e sem
Perseguição. Eu creio porque
Nela está a verdade, nela está
O poder nela
Esta a fé

A esperança
 Nela está a
 Salvação, nela
 Está a vida
 Nela está a
 Caridade.”

MAGALHÃES (2001:181)

Deleitando-se da herança deixada por Hilda Magalhães segue-se dialogando com a estética de 50 e 60. Esta década a literatura em Mato Grosso ganha um profícuo desenvolvimento e realmente se liga ao eixo Rio-São Paulo. É neste tempo que se nota um crescimento qualitativo da arte literária no estado.

Nesse ínterim se sobressaem Manoel Cavalcanti Proença e Wladimir Dias Pino. O primeiro é admirado por aplicar uma linguagem ágil, dinâmica e carregada de simbologia e conteúdos mitopoéticos. Proença soube fazer o resgate de entidades lendárias sem perder o compromisso com o social. Um exemplo dessa coadunação é o livro *Manuscrito Holandês* onde a narração é feita entre um índio (Mitavaí) que se socializa mais continua com suas credices e precisa matar seu antagonico Macobeba. Em um combate Macobeba é morto por Mitavaí e de suas entranhas saem os caracteres outrora engolidos por ele. São libertados pelo vômito doutores, jornalistas, banqueiros, fabricantes de garrafa, muita gente que estava doente, sem ação por causa de sua habitação ser um bucho monstruoso. Esse monstro representa a força do capital na sociedade moderna e sua retaliação sobre as pessoas. Então se mesclou a credice com a mensagem de cunho social.

O segundo autor pode ser colocado em evidência porque praticou a poesia de um modo moderníssimo, misturou poesia com arte plástica e linguagem cibernética. É fascinante seu trabalho que se foca ao ser visto e não simplesmente por ser lido. Todas as perfurações, brilho, cor, os cortes são cruciais para mostrar a semântica e estrutura do livro. Certos poemas são apresentados como um programa de computador que pode ser lido e realizado de múltiplas formas, sempre valorizando a imagem, o objetual e o físico. “A Ave” é um livro que pela primeira vez assume a condição de livro fabricado como objeto poema, ou seja, que se interpreta através do concreto e visual, substantiva a fisicalidade.

Ao prosseguir na contemporaneidade dos anos 70 a 90 é necessário explicar que nessa época houve o surgimento de uma literatura destinada ao público infanto-juvenil,

além de uma poética ligada a questões universais, fundiárias, erotismo, a metalinguagem e os emblemas do pós-modernismo. São representativos os autores Marilza Ribeiro, Tereza Albués, Padre Antonio Rodrigues Pimentel, Dom Pedro Casaldáliga, Flávio José Ferreira, Aclise de Mattos e Hilda Gomes Dutra Magalhães.

Marilza Ribeiro tem um compromisso social e faz em sua escrita um questionamento existencial e escreve o erotismo. A autora mescla essas bases e se desponta como autora moderna. Em sua obra “Corpo desnudo”, publicada em 1981, chama atenção pela ousadia do erótico e pela especulação existencial que causa reflexão social. Ainda nessa obra é válido citar que há poesias que serviram de denúncia do processo de dominação que reinou nos latifúndios Mato-Grossenses e que é responsável por uma história de sangue e medo. A autora grita pela minoria sofrida e não obstante quando especula o erotismo mostra a emancipação feminina tanto no plano erótico como social. Exemplos em trechos de sua obra:

O regionalismo e misticismo se casam na obra de Tereza Albués após a divisão do estado. Para se entender melhor Tereza é pertinente lembrar que os anos de 1980 e 1990 se caracterizaram pelo misticismo e religiosidade devido à transição secular próxima. Nesse momento tem-se por um lado uma literatura que vê a ruptura como algo em si e por outro, a busca da espiritualidade que legitima uma escrita neo-romântica. Segue Albués com o neo com obras místicas, auto-ajuda etc. Em sua produção se fundem o regional e o mítico inter-relacionados numa visão maniqueísta do bem e do mau. É incrível a sutileza de Tereza ao aliar suspense provocado pelo sobrenatural misticismo e os traços culturais da terra. Convém citar um trecho de “Pedra Canga” (1980) em clima de suspense:

“Naquela mesma tarde resolvi indagar da própria Marcola. Fui encontrá-la no seu casebre à beira do rio coxipó, de manhã cedinho, acorada no batente da porta, tomando guaraná, um costume local que os velhos conservavam como religião, outros orgulhosamente chamavam “meu vício”.” MAGALHÃES (2001:241)

O berro do cordeiro em Nova York (1995) define as potencialidades estéticas de Tereza. Com lumes de autobiografia relata voz social também. A brilhante escritora une o sertão do Mato Grosso com todas suas dificuldades com a metrópole Nova York através de um grito de desabafo e crítica que deseja indagar porque tanta desigualdade neste mundo. De um lado, riqueza e glamour e do outro pobreza, pura penumbra. Mas, o escopo é que haja um dia essa união para amenizar o sofrimento do povo.

“Seis meses de apreensão, sustos, internação no hospício, sessões espíritas, aos poucos ele foi melhorando, tentando retornar o trabalho da garaparia mas estávamos na bancarrota, as poucas economias desapareceram, ele se viu impossibilitado de continuar o comércio... Papai aceitou imediatamente o oferecimento generoso, embarcou todas as tralhas e a família num caminhão Ford, velho e desconjuntado. Lá fomos nos a caminho da morada.... comecei a chorar desesperadamente, a volta a um rancho de lacraias nos confins do Mato Grosso me tirara qualquer possibilidade de continuar os estudos...O meu berro despertou, foi bater na estátua da liberdade em Nova York.... Tudo que vem do terceiro mundo: disgusting... A confusão é total e agora é a minha vez de dizer “disgusting”, não tenho nada com os tremores ou temores alhures despertados, recolho meu berro inocente, trago-o de volta à tapera do Cristazal, recomeço aumentando o volume da minha dor.” HILDA (2001:249)

O erudito e o popular Padre Antônio Pimentel destacou-se também na época pós-moderna começando a publicar seus livros em 1981. A priori produz com grande densidade conteudística religiosa e filosófica com textos sóbrios e até sonetos. Devagar seu plano se alonga para escritos comprometidos com a realidade social. Após, pratica forte vocação lúdica e sátiras sociais.

Continuando a nobre exposição da história literária de Mato Grosso é pertinente falar de Dom Pedro Casaldáliga. Este autor se atentou às confusões entre os nativos da terra e pequenos colonos que se digladiavam com os grandes latifundiários que monopolizavam imensidões de terras para dali adquirir frutos para o bem próprio. Isso gerava uma quebra de valores como a falta de educação contra a natureza, os desrespeito com os povos indígenas que eram expulsos de seu lugar sem explicação alguma; os pobres colonos pareciam estar contentes com um vislumbre de esperança em ter seu pedaço de terra e de súbito apareciam os poderosos latifúndios ao retaliá-los severamente. Um desolação sem igual.

Dentro desse contexto vivia e teceu uma escrita poética de engajamento com direito a críticas claras e objetivas. Por isso merece ser exaltado Casaldáliga. Sempre leal aos princípios da teoria de libertação nos basilares da religião e a política produzia poesias como as seguintes: “Dá-nos a tua paz” de Cantigas menores (1979)

É conveniente mencionar Flávio Ferreira um dramaturgo existencialista que estuda a problemática humana no mundo contemporâneo. Um lugar dominado pela força capitalista e pelos contratos sociais. Sua obra teatral escrita se coaduna entre personagens loucos e lúcidos. Em suas obras os primeiros eram aqueles contra e rebeldes a essa força do

capital e os segundos eram pessoas que dentro do convencionalismo viviam produzindo e esquecendo de pensar na qualidade de vida. Destarte, Flávio explica os cidadãos finisseculares como produtos da solidão e a niilização social vindos do capital soberbo. Entre várias obras esse escritor publicou “Histórias da vovó do Coxipó (1993)”.

Outro destacável autor no período pós-moderno é Aclyse de Mattos que se caracteriza com técnicas visuais, fônicas, tipográficas e jogo lingüístico. Com a temática do excecionismo em evidência como estética peculiar:

“O excecionismo não tem regra. Só exceções
 Excecionismo: movimento ou estacionamento? Nem
 Um nem outro: jarga e drive-in.
 Exceção: a pequena canoa de hoje no
 Aceano do tempo.”
 Nenhum movimento anterior já era:
 os posteriores todos serão: hoje
 Nada de correntes: apenas a liberdade
 As exceções a este manifesto contam desde
 Já com o meu apoio
 MAGALHÃES (2001:305)

E não se pode esquecer da fantástica Hilda Gomes Dutra Magalhães merecedora do mérito de doutora em teoria da literatura porque além da perfeita exposição da história literária do estado no livro aludido nesse trabalho a querida doutora superabunda poética e metalinguagem em todas as suas obras. Publicou: Estranhos da noite 1988, Herança 1992, Os princípios da crítica dinâmica 1990, Valeur et hitoricité particulière de l’oeuvre littéraire 2000, O último verão em Paris e História da Literatura de Mato Grosso no século XX.

Como se pôde observar, a literatura em Mato Grosso acompanhou e embora tenha havido o retardo do romantismo devido a questões sociais, as obras seguiram as estéticas clássicas. Com isso, verifica-se qualidade na escrita do Estado e que não se expande mais por falta de incentivo do mercado editorial que além de não incentivar não se manifesta freqüentemente o desejo da publicação regional. Talvez porque não há incentivo na leitura do mesmo por parte dos professores. Também é fato que após de se publicar uma vez é

necessário reeditar para que não caia no ostracismo, essa reedição também não acontece. É por isso que no próximo capítulo desse trabalho será lembrada a obra de Dicke, que precisa ser editado e reeditado e no capítulo após Dicke, será exposto Sidney da Silva Chaves que precisa ser editado. Ambos escrevem com qualidade literária.

3. RICARDO GUILHERME DICKE: NOTÍCIA SOBRE UM ESCRITOR

Redivulgação e análise da obra de Ricardo Guilherme Dicke. Com base naquilo que a mídia já publicou sobre Guilherme Dicke convém lembrar informações porque para muitos serão inéditas e abrirão espaços para que este grande autor não seja esquecido. Literatura universal tem que se eternizar:

Aos 14 de janeiro de 1996, o periódico “Ilustrado” publica mais um prêmio ao escritor Dicke. Cerimônia do Esquecimento recebeu o prêmio “Orígenes Lessa” de nível nacional. Foi editado pela editora da UFMT. Afirmo Mirian Botelho nessa reportagem que Ricardo teve a oportunidade de ter suas obras reconhecidas por Drummond de Andrade, Jorge Amado e Guimarães Rosa e com os incentivos desses amigos havia ganhado outros prêmios: Em 1968 “Deus de Caim” recebeu o prêmio Walmap que tinha como jurados Jorge Amado, Guimarães Rosa e Antônio Olinto. Em 1977 A premiação foi para o livro “Caieira” com o prêmio Remington e já no início da década de 80 foi a vez de “Madona do Paramos” receber o prêmio de ficção pela fundação cultural do distrito federal. Mirian ainda relata como novidade que Dicke sofreu influências de Cervantes, Dostoiévsky, Goethe e principalmente da bíblia.

No mesmo artigo Dick e sua mulher confessam, apesar de tantos prêmios, não estão totalmente felizes, gostaria que seus livros fossem mais lidos: “Os meus livros estão escondidos do grande público. Já estou cansado demais para tentar a venda dos meus livros nas livrarias locais.”(R.Dicke). Sua mulher Adélia Boskov Dicke comenta: “O reconhecimento do público é mais importante que todos os prêmios literários recebidos. O estado deveria investir mais nas letras”.

No dia 1 de maio de 2004, o repórter João Ximenes Braga no jornal , O Globo, destaca sua entrevista com Hilda Hilst antes de sua morte. Braga disse que convidou Hilda a enumerar grandes escritores Brasileiros, e ela respondeu: “Sei que sou um deles, Guimarães Rosa, Machado de Assis... Têm vários. O Guilherme Dicke, que praticamente não é conhecido, também é um gigante”. A frase deixou muita gente encalifada por conta da menção a um famoso-quem? Entre Guimarães e Machado.

Outra novidade no mesmo escrito é que João complementa que Dick em 2001 publicou dois novos romances através das leis de incentivo de seu Estado natal : “Rio do Vaqueiros” e “O salário dos Poetas” . Também Ximenes cita a obra “Conjunctio Oppositorum no grande sertão, tese de mestrado de Dicke em filosofia da UFRJ em 1982.

Cita ainda o lançamento do livro “O último horizonte” que se esgotou e precisa ser reeditado. Guilherme não pode ficar no ostracismo adiciona João e concede ao público uma entrevista brilhante:

O Globo: O que acha de ter sido citado por Hilda Hilst ao lado de Rosa e Machado como um dos gigantes da literatura brasileira e, ainda assim, ser praticamente desconhecido?

Ricardo Dicke: Senti-me surpreendido, pois é uma grande responsabilidade estar ao lado de Machado e de Guimarães Rosa. Surpreso por ser desconhecido, mas sabia que algum dia seria conhecido, irrevogavelmente.

O Globo: Você conhecia a Hilda?

Ricardo Dicke: Sim, conhecia-a pessoalmente. Gostávamos-nos fraternamente. Éramos amigos e trocávamos correspondências, nos comunicávamos por telefone e conversávamos sobre tudo o que existe.

O globo: o senhor tinha 31 anos quando seu livro de estréia “Deus de Caim”, recebeu um prêmio cujos jurados eram Guimarães Rosa , Jorge Amado e Antonio Olinto. O que passou pela cabeça do jovem escritor?

Ricardo Dicke: Tenho a declarar que tirei o quarto lugar nesse prêmio. A mídia fez o resto. E mesmo assim o livro teve grande projeção. Fiquei felicíssimo e sabia que havia aberto as portas da glória.

O Globo: O senhor chegou a conhecer Guimarães Rosa e Jorge Amado? Esses autores tiveram influência na sua obra?

Ricardo Dicke: cheguei a conhecer pessoalmente Guimarães. Uma vez conversei com ele ao telefone por duas horas seguidas. Jorge Amado pouco conheci. Só Guimarães rosa teve influência nas minhas obras, mas com o tempo me afastei de seus livros, porque queria ser eu mesmo, sem influências.

O Globo: Depois disso o senhor demorou dez anos para lançar o segundo livro “Caieira”, Por que tanto tempo?

Ricardo Dicke: Porque me esqueci de literatura . Comecei a fazer outras coisas que me fizeram olvidar da escritura.

O Globo: “Caieira” também foi premiado e ganhou elogios de Glauber Rocha num programa de tv. O senhor conhecia Glauber? Acha que a sua literatura tem semelhanças com os filmes dele?

Ricardo Dicke: Não, não conheci Glauber, e acho que sim, há semelhanças com os filmes de Glauber Rocha.

O Globo: Seu último livro a ser publicado por uma grande editora foi “Último Horizonte”, há mais de 15 anos. Como um autor tão premiado inicialmente ficou ao largo do mercado editorial?

Ricardo Dicke: É porque me mudei para Mato Grosso. Aqui é um exílio para qualquer um que deseja ser escritor e não tem editoras grandes nem distribuição, o que é uma maldição para quem pretenda escrever.

O Globo: Então por que decidiu voltar para Mato Grosso em prejuízo de sua carreira literária?

Ricardo Dicke: Porque me cansei do barulho formigante do Rio. Queria um pouco de paz. Gostei e fiquei. Nunca mais pensei em voltar ao Rio.

O Globo: Diz-se que senhor bebia muito. Isso teria atrapalhado sua produção literária?

Ricardo Dicke: Faz vinte anos que deixei de beber. Beber me prejudicou muito.

O Globo: A julgar por “O salário dos poetas” e “Rio abaixo dos Vaqueiros”, seus livros são uma leitura complexa, dificilmente se tornariam sucesso de vendas. Acredita que seu afastamento das grandes editoras possa se dever também a isso?

Ricardo Dicke: Escrevo porque gosto do modo como escrevo, se não vender, isso para mim não tem importância nenhuma.

O globo: Como tem sido sua relação com a crítica?

Ricardo Dicke: A crítica em geral tinha sido boa comigo, depois mudou com relação à minha literatura: ignorou-me durante todo esse tempo. Além da distância dos grandes centros, o silêncio da crítica me mantém preso num ostracismo cruel.

O Globo: “Rio abaixo dos vaqueiros” e “O salário dos poetas” têm déspotas como epicentro da narrativa: Um fazendeiro do primeiro e um ditador no outro. Por que o poder e a tirania o fascinam como tema?

Ricardo Dicke: Poder e tirania são temas que separam esses dois livros dos outros que escrevi. Freudianamente falando, poder e tirania são temas que vêm da influência de meu pai, que era muito bravo. Os livros podem ter essa crueldade, mas têm também muitas coisas generosas e boas.

O Globo: Em “O salário do poetas”, há menções satíricas a um governador Cow-Cow e a um presidente sarna. Trata-se do Ex-governador do Mato Grosso Carlos Bezerra e José Sarney?

Ricardo Dicke: O ex-governador e o ex-presidente são eles mesmos. Mas não sou um escritor político.

O Globo: Ainda falando da temática dos livros... Quase não há duas páginas seguidas em que não se fale em morte, no prenúncio da morte, no medo da morte. Por quê?

Ricardo Dicke: Porque a morte é o maior mistério que existe.

O globo: uma frase de Blaise Pascoal. “O silêncio desses espaços infinitos me apavora”, é citada diversas vezes ao longo de “O salário dos poetas”. É uma síntese do peso que o horizonte do pantanal e da chapada tem na sua literatura?

Ricardo Dicke: Essa frase de Pascoal para mim resume o maior símbolo de mistério que existe no universo.

O globo: Além da literatura, como é seu cotidiano, o que o senhor faz atualmente, como vive?

Ricardo Dicke: Sou funcionário público aposentado e vivo como um monge, lendo e escrevendo.

O Globo: Há previsão de novos livros? Têm inéditos na gaveta?

Ricardo Dicke: Sim, aqui agente pula atrás de editores. Como não há o que fazer, temos que esperar que nos descubramos nos grandes centros. Tenho oito livros prontos para publicar. Nenhum plano, porque aqui é a minha Finisterrae.

Outra notícia publicada interessante ocorreu em maio de 2005 No Jornal de Letras. Nele a jornalista Zora Seljan entrevista Dike e revela que o seu livro Cerimônias do Esquecimento foi veiculado em rede nacional e Dicke interpretou um personagem:

ZS: Sua literatura , nos últimos anos, tem sido uma preciosa fonte para outras artes. Em 2004 o documentário Cerimônias do Esquecimento,”baseado em livro homônimo e sua vida e obra, foi veiculado em rede nacional pela televisão. Nele o senhor inclusive atuou interpretando o seu próprio personagem. Fale um pouco dessa experiência.

RD: Foi muito boa. Uma vez o cineasta Joel Pizzini me disse que eu era um grande ator. Cheguei a fazer uma ponta em um dos seus filmes. Enigma de um dia. Em cerimônias do Esquecimento confirmei minha vocação para atuar como ator. O Eduardo Ferreira, que roteirizou e dirigiu o documentário, está preparando um novo roteiro para uma novela inédita minha. “Toada do Esquecido”, Espero novas chances para voltar a atuar como ator.

Em 20 de setembro de 2005 Ligiani K. Silveira, jornalista da folha do estado, nos informa em um artigo intitulado “Vida e obra do escritor Ricardo Guilherme Dicke”. Na ocasião Ligiani cita o fato de Ricardo ter em sua casa mais de 400 livros engavetados devido à falta de divulgação. Também na mesma oportunidade comenta que o grande escritor estava se preparando para a publicação do livro “Toada do Esquecido e Sinfonia Equêstre” e ainda tinha mais de 10 livros que necessitavam ser publicados. O maravilhoso Guilherme tem uma bibliografia com nove livros e cerca de 20 títulos inéditos, entre coletâneas de poemas e contos, novelas e romances, diz K. Silveira em sua reportagem. É importante lembrar que o precioso Dicke já recebeu um prêmio em Mato Grosso que só fora dado ao Dom Pedro Casaldágila e a Manoel de Barros. É o título de Doutor Honoris recebido da Universidade Federal de Mato Grosso.

Para um autor como Dicke, comentar e divulgar o que já fez significa tentar eternizá-lo. Por isso, se expõe ainda mais um comentário de Ligiani que na mesma pesquisa cita que as obras do Chapadense decolaram até o público Europeu. Segundo a repórter,

Amauri Tangará adaptaria no mesmo ano (2005) a peça de Ricardo “O salário dos poetas” para apresentação em Portugal.

Em 20 de agosto de 2006 Lidiane Barros da Folha do Estado escreve fatos notórios sobre Guilherme que convém lembrá-los:

No artigo chamado “Guilherme Dicke, garimpeiro de ilusões” é mencionado que começou escrever romances devido a uma resposta que Drummond lhe dera em uma carta. Dicke tinha o costume de escrever cartas para vários escritores e Drummond um dia lhe disse: “Porque não para de perder tempo com cartas e não escreves romance”. Outra curiosidade é a felicidade de Ricardo quando passou mais de 2 horas ao telefone com Guimarães Rosa que lhe disse: “Dicke você é o novo José Lins do Rego.” Mais elogios recebeu o autor do diretor Glauber Rocha quando indicou no programa de tv Ricardo Guilherme Dicke como um dos grandes nomes da literatura contemporânea.

É prazeroso receber informação, e sendo assim, Lidiane nos informa muito mais peculiaridades de R.G. Dicke nessa mesma reportagem. Ela comenta ainda que aos 15 anos quem corrigia poema para Guilherme era o próprio José de Mesquita, interessante. Também é mostrado que Dicke admira música clássica de Flanz, Schunbert e Mozart e odeia computadores por não saber mexer o mouse. Por fim, Lidiane Barros escreve que na ocasião estava preparando o novo livro chamado “Jovem Velho” e que havia entregado nas mãos de Mário Cezar Leite dois livros de poesia, “Babel babilônia e Epifanis”, uma futura publicação a ser analisada.

Aos 5 de setembro de 2006 o jornal “A gazeta” em um comentário “Série traz textos inéditos de Dicke” mostra concede mais informação sobre o mestre chapadense. O jornalista Luiz Fernando Vieira escreve: “Muito se fala hoje sobre a obras do escritor chapadense Ricardo Guilherme Dicke, desperta-se a curiosidade em relação a sua elogiada (e premiada) prosa, mas na verdade é que ainda há pouco material à disposição do leitor. É difícil encontrar a maioria dos livros do autor nas bibliotecas, nas livrarias. Os mais antigos, por exemplo, nem adianta tentar achar. É por esse motivo que merece crédito a iniciativa conjunta da Cathedral publicações e da Carlini & Caniato de editar as obras de Dicke.” No exato período seria publicada a obra “Toada do Esquecido e Sinfonia Equestre”.

Escreve ainda Fernando: “A iminência de suas obras circularem o país transformou Dicke de 70 anos, numa pessoa renovada. Alguém que renasce através dos livros. “Isso é maravilha. É uma maravilha para qualquer escritor”, diz o prosador chapadense. Por

isso não poupou elogios aos responsáveis por esse “renascimento”. Acrescenta Vieira que está já prevista uma publicação de alguns trabalhos em versos, coisa que pouca gente leu.

Mario Cezar Leite, escritor que na reportagem anterior havia pego alguns livros de Dicke para analisar publicações, toma iniciativa e diz a Fernando na reportagem que o livro que será publicado será um começo para uma série de publicações do autor que as editoras organizaram, sempre com um lançamento de uma obra inédita e a reedição de outra esgotada. “Queremos que cada vez mais pessoas leiam Dicke”, diz Cezar Leite.

A partir de agora se refletirá sobre o estilo diferenciado do escritor Ricardo Guilherme Dicke e será feita a comparação entre suas obras e a literatura Brasileira. Demonstrar-se-á que sua literatura é um trabalho artístico influenciado pelo contexto de sua vida. O seu íntimo é tocado pelo mundo lá fora e isso o faz escrever transformando a realidade segundo seu ponto de vista.

Nessa ótica decorrer-se-ão falas sobre fundamentos históricos, regionalísticos, escolas literárias inspiradoras, a própria formação acadêmica de Dicke e a época em que estavam sendo escritos seus livros. Isso para provar, tentar explicar a capacidade de Guilherme de conversar numa linguagem densa e tramas fortes, temas caríssimos à literatura, ligados ao misticismo, à filosofia e à fragilidade humana (citação feita por Hilda Dutra em seu livro História da literatura de Mato Grosso séc. XX).

Dicke nasceu em Raizama, município de Chapadas dos Guimarães em 1936 e começou a se interessar por literatura desde menino, em uma biblioteca que seu pai tinha em casa. Bacharelou-se em filosofia e ciências sociais da universidade federal do Rio de Janeiro, 1971. Em 1972 licenciou-se em filosofia pela faculdade de educação da federal do Rio de Janeiro. Anos após fez especializações nessa área e também estudou museologia, artes plásticas e cinema. Trabalhou sempre como professor, tradutor e jornalista. Dessa forma, com toda essa formação filosófica e executando serviços em que o relacionamento humano é prioridade e que a realidade do homem é posta em evidência, explica-se a forma da escrita de Ricardo. Ele usa a filosofia refletindo sobre o ser. Faz o seu leitor pensar no que é, para onde vai e o chama para uma viagem ao subconsciente. Após a reflexão sobre sua obra o leitor reconhece que é frágil e que tudo é efêmero – a vaidade, o orgulho, a soberba. Percebe-se a fragilidade do ser em não conhecer a si próprio.

Quando o Dr. Guilherme nasceu, jaz entre o modernismo caminhando para o pós-modernismo literário. O que essa época influenciou quando Ricardo começou a escrever?

É possível acreditar que seu estilo assume um caráter inovador por vontade própria de mostrar que ele sabe inovar. Modernismo é criação, é a liberdade de fazer o que quiser com as palavras e seus sentidos. Estudou, aprofundou-se na nossa literatura e na de outros países e apareceu com um estilo que resgata toda a história da humanidade. Assim, em seus escritos são notadas alusões ao Classicismo, em relação à mitologia clássica; ao Barroco, em relação ao Deus de vingança e da demonstrada tensão do homem; ao Realismo quando mostra a relação operário-senhor em um de seus livros; ao Naturalismo que mostra a carnalidade, o instinto animal do homem; ao Simbolismo a par do conteúdo arquétipo, onírico, que analisa o nosso subconsciente, uma ramificação ao surrealismo.

Os escritos do Doutor são complexos, dessa forma os estudos históricos e regionalísticos foram cruciais em suas obras. O contexto histórico é tudo para um escritor. O externo comove o interno a pensar sobre a realidade, e então sai a produção literária. Como Dicke acolhe em sua escrita uma história mundi, ele chama para dentro de si e de suas obras os problemas, revoluções que o mundo e o Brasil enfrentaram até sua época: transformações econômicas, luta entre o teocentrismo e o antropocentrismo, o renascimento, o iluminismo, revoluções sociais, o cientificismo, guerras mundiais, nazifacismo, guerra fria, etc. No Brasil como complemento aos fatos externos houve a marginalização regional, pessoas que eram estigmatizadas pela sociedade, o regionalismo como pano de fundo.

Nota-se que a riqueza da obra está também na inspiração em várias escolas literárias. Ao ler trechos de seus escritos vêem-se pequenos sinais coerentes que serão analisados em suas obras com a única intenção de mostrar o valor, a densidade e a sua complexidade.

Último horizonte, 1988, fala sobre a podridão da carne e alma humana. É mesclado o bizarro a uma cultura filosófica e religiosa. A finitude temporal rompe a barreira do real e no decorrer da trama nenhuma resposta é certa ao questionamento do ser humano que essa obra faz. Com isso é válido afirmar que Dr.G. se inspirou na tensão do ser humano no período barroco; no surrealismo pelo fato de seu livro transcender o real; no naturalismo ao retratar de modo claro a natureza animal do homem (com base no trecho UH 14. 15).

Caieira, 1977, mostra o drama sobre operários e senhores no plano racional e as crenças ancestrais subsistentes na cultura humana como plano irracional explorando os limites humanos e a sua fragilidade. É pertinente dizer que o inovador autor aludiu ao realismo quando foca na relação operário-senhor; é considerável ver sombras do naturalismo

ao perceber nesse escrito os limites humanos da carne. E devido ao onírico, evasão no sonho, percebe-se um toque de simbolismo e surrealismo.

Madona dos Páramos, 1982, ocorre uma transfiguração do real e relata um Deus vingativo (Jeová das escrituras sagradas). Aparecem imagens surgidas do inconsciente, figuras mitológicas e bíblicas. A escola literária que usava a mitologia e a antiguidade clássica era o classicismo. Como se vê, Dicke também a usou nesse livro ao se referir ao poeta Babalão Nazareno vindo da antiguidade clássica.

Cerimônia do Esquecimento, 1995, conta sobre o número de pessoas que são conduzidas há um espaço mágico, fora do tempo, enquanto o mundo real está em trevas devido à guerra mundial Estados Unidos X Rússia. Aparecem personagens bíblicos, pagãos, heróis e etc. A salvação para uns e a perdição para outros; ideal religioso formado sobre o surreal. Característica de evasão do irreal, cheiro de simbolismo, sinal de surrealismo.

Do ponto de vista teórico da literatura a escrita de Dicke é pura retórica, algo que realmente convence o leitor. O autor trabalha uma estrutura frásica, densa, focalizado no seu leitor-interlocutor. E ainda com muito talento trabalha temas universais como a morte, a vida, a fragilidade humana e os sonhos. Assuntos que provam sua qualidade literária e que fará sua obra imorredoura.

Ricardo Guilherme Dicke com sua retórica e sua estrutura frásica resgatou em seus escritos indícios de muitas escolas literárias passadas e criou na época pós-moderna uma literatura inovadora. A reflexão sobre o velho deu origem ao novo. O escritor pós-moderno criou um novo estilo literário – basinaresurrealismo – (pequenos indícios do barroco, simbolismo, naturalismo, realismo, e maiores indícios do surrealismo). Uma literatura capaz de unir em seu íntimo referências de várias escolas literárias e aparecer como novidade na arte literária brasileira.

4. A POESIA DE SIDNEY CHAVES

Sidney da Silva Chaves é filho de Olímpio da Silva Chaves e de Luzia Pereira Chaves. Paranaense, nascido na fazenda Água Azul, município de Fênix/PR, porém se considera quintassolense, pois viveu toda a sua infância e juventude em Quinta do Sol/PR.

Começou a trabalhar muito cedo. Foi bóia fria, engraxate e depois balconista de lanchonete em Quinta do Sol. Trabalhava durante o dia e estudava a faculdade de Letras à noite em Campo Mourão/PR. Concluiu os estudos em 1993 e por destino traçado, de súbito veio para Mato Grosso, direto para Alta Floresta. Viera para exercer a profissão que tinha formado.

Com jeito simples, o professor Sidney aos poucos foi se adaptando a novos costumes, ao novo clima e a população Alta Florestense. Firme e contínuo foi Chaves porque contribuiu muito com a educação e a cultura de Alta Floresta. Durante sua caminhada como educador no interior de Mato Grosso incentivou, aconselhou, corrigiu, deu exemplo de caráter e formou centenas de alunos que hoje são graduados, especialistas, mestres e doutores.

“O Belo” artístico é imprescindível na vida de qualquer ser humano, pois abre a mente para reflexão. Se alguém é capaz de realizar alguma atividade de arte, aprende uma lição de perseverança, de objetivo e confiança, e isso se inter-relaciona com qualquer área do conhecimento humano. É pertinente dizer isso, pois é exatamente esse exemplo que o professor Sidney transmite a seus alunos. Talvez sem perceber, porque realmente é um dom concedido por Deus.

Com todo seu entusiasmo lecionava e prosseguia seus estudos. Chaves fez Pós Graduação em língua Portuguesa pela Unemat e uma especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Alta Floresta, Uniflor. Em Alta floresta lecionou no colégio estadual Vitória Furlani da Riva, na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente leciona na Uniflor e na CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade).

O Caro Educador e escritor recebeu em 1999 o título de poeta revelação no Culturalíssimo em Alta Floresta e no mesmo ano uma Moção de Congratulação da Câmara Municipal de Alta Floresta pelo lançamento do livro de poemas “EU”. Após esse livro o poeta editou juntamente a demais autores locais o livro de poesias “Autores Regionais” em 2000, fundou uma revista de cunho universitário chamada “Focus” em 2001, produziu o seu segundo livro de poesias “Verso e Reverso” em 2004, sempre criou poesias juntamente a seus alunos e esta preparando para a publicação mais um livro de poesias, cujo o nome não está definido, talvez simplesmente “Poesias”, diz Sidney Chaves usando seu lado objetivo e simples. Hoje em Alta Floresta e cidades circunvizinhas o Professor Silva Chaves é muito especial e apesar das dificuldades para se divulgar livros, nessa região o educador é um dos prediletos escritores regionais.

O estilo de escrita do escritor do norte de Mato Grosso é variável ao longo de sua carreira. A vida, o contexto social é quem conduzem partes de uma obra. O que é externo convidará o interno que se amalgamam é sai literatura:

Em seu primeiro livro de poesias “EU” observa-se um subjetivismo ora romântico, ora simbolista. Marca um introspecção desde o nome. Em época moderna, o professor produziu poesias modernas em relação à forma, mas caudatário ao romantismo em relação ao tema.

TEU BEIJO

Teu beijo

É alimento

É néctar

De flor de campo

É o açúcar que adoça

Minha vida

É chama que incendeia minh'alma

Teu beijo

tem sabor de hortelã
e mata minha sede
e refrigera minha alma...
sem ele
não encontro subsistência para viver SIDNEY (1999:13)

QUERO QUERER

Se querer é desejo
Quero querer você
Dentro do meu coração
Quero querer teu amor

Quero querer um beijo teu
Quero querer o teu corpo
Quero um desejo incontrolável
De ficar contigo
Apenas um bocado
Para sentir o teu cheiro
O teu sabor
O teu corpo
O teu amor... SIDNEY (1999:16)

MEU SILÊNCIO

Restrinjo-me
A ouvir meu próprio silêncio
A caminhar nos ventos
A voar pela imaginação

Restrinjo-me
A ser esse ninguém
Que bate na porta do mundo

E fica sentado no
Banco da praça
Esperando o sol nascer
Para que um outro
Dia, quem sabe
Sr ouvido
E assim poder falar com você. SIDNEY (1999:59)

Em seu segundo livro “Verso e Reverso” o autor continua com uma linguagem objetiva e simples, moderna. E agora, caminha com a predominância de brincar com as palavras usando o jogo e a metalinguagem.

TOTAL

Tô tal

O tal tô

Total

Todos tal total

Total todos tal

Tô total

O total

O totalmente total

Todos totais

Os totais

Tão totais

Assim, totalmente

Liricamente totais.

Totalmente todos totais! SIDNEY (2004:76)

A POESIA

A poesia é P

A poesia é O

A poesia é E

A poesia é S

A poesia é I

A poesia é A

A poesia é POESIA

A poesia PÕE

A poesia é o SI

A poesia é o A

A poesia é POESIA

A poesia é PÓ

A poesia É
 SIA

A poesia é POESIA. SIDNEY (2004:88)

Em seu terceiro livro, que ainda não foi publicado (POESIAS), Chaves com seu jeito simplório e buscando sempre a beleza nas pequenas coisas da vida, segue com seu modernismo destacando um engajamento social muito talentoso e atual.

POLÍTICO CORRUPTO

O político corrupto é um verme na sociedade
 Ele mata, ele apodrece a sociedade
 O político corrupto deve ser extinto
 Deve ser punido pela lei
 E ignorado pelo povo
 O político corrupto é o câncer da sociedade
 É o pior dos bandidos porque não dá exemplo
 E legitima o crime,
 Ela faz os nossos jovens entenderem que o crime compensa
 Que vale a pena ser desonesto.
 Ele cria a criança de rua
 A educação de baixa qualidade
 A falta de escola, de hospitais e de moradia
 O político corrupto mata nossos idosos
 Abandona nossas crianças
 Desvaloriza nosso salário
 Destrói nossas estradas
 Alaga nossas casas
 O político corrupto
 Gera a fome e a miséria
 O político corrupto deve ser extirpado da vida pública
 Pela lei e pelo povo
 Eu odeio o político corrupto
 Eu detesto
 Eu tenho nojo
 Do político corrupto. SIDNEY CHAVES.

Em suma a obra de Chaves é moderna com linguagem simples. Suas características em alusão literatura clássica se mesclam com o romantismo, simbolismo e modernismo concreto-visual, modernismo do jogo de palavras, modernismo da crítica social, em fim, o lado moderno do poeta Sidney, exprime que poesia é a simples e corajosa expressão do eu lírico e essa observância nas coisas do cotidiano que se encontra em sua obra, retrata a atual realidade do cidadão brasileiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição da história da literatura em Mato Grosso e sua análise com a literatura clássica. Depois da demonstração de vários nomes de escritores que estavam no ostracismo ou foram realmente estanques, discriminados por um mercado editorial. Pós a divulgação em especial de Ricardo Guilherme Dicke e Sidney da Silva Chaves, autores regionais que precisam ser editados e reeditados. Conclui-se: que a literatura em Mato Grosso tem qualidade literária; que é possível compilar e tecer críticas para a reflexão sobre a literatura do Estado; e que é pertinente e necessário divulgar autores regionais.

A literatura Mato-Grossense tem qualidade, pois como se pôde observar, embora tenha havido o retardo do romantismo devido a questões sociais, ela seguiu as estéticas clássicas. Pôde-se perceber que a diferença está no painel literário e nos tiques individuais dos escritores e a igualdade está na influência contextual marcada pelas datas dos acontecimentos e no estilo aplicado pelos autores que definem a escola literária aludida:

O Painel literário brasileiro se realiza com os seguintes estilos de época: Quinhentismo, barroco, arcadismo, romantismo, realismo-naturalismo-parnasianismo, simbolismo, pré-modernismo e modernismo. Os estilos de época de Mato grosso aludem inicialmente ao humanismo e ao quinhentismo por apresentar crônicas de aspectos histórico-geográfico. Depois salta direto para o romantismo, após suprime o realismo e naturalismo e se encontra no parnasianismo. Logo em seguida aparece com o simbolismo e lentamente com pré-modernismo e modernismo. Os tiques dos autores são também pontos específicos que fazem a diferença, porque cada escritor tem sua identidade, a sua marca que o define.

A igualdade entre as literaturas se constatou que se relaciona ao contexto, visto que quando acontecem transformações no mundo, as mesmas refletem nos países e se acontecem nos países são refletidas nos estados, ou seja, o que é externo induz o escritor em sua produção. Foi feito um paralelo que mostra claramente a igualdade em relação às datas dos percursos dos estilos de época.

Ficou claro através da pesquisa a facilidade de reunir informações e que é possível compilar e tecer críticas nas obras de autores regionais, até mesmo aqueles quais as obras não foram ainda publicadas. É cabível fazer um intercâmbio entre autores para que cada um analise a escrita do outro, e meio aos estudantes para que se produza mais matéria relativa à literatura estadual.

Constatou-se a pertinência em divulgar autores regionais para uma melhoria literária no estado. Se vários estudantes, escritores, professores, políticos e jornalistas passassem a produzir mais monografias, artigos, aulas, discursos e manchetes que aludissem a literatura regional é certo de seu desenvolvimento rápido. Isto ficou visto de forma definida, pois o trabalho desvendou, mostrou assuntos que para muitas pessoas são inéditos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Frederico – *Clássicos da Poesia Brasileira*, 1ª Ed. São Paulo: Editora Klick, 1997.

BARROS, Lidiane. *Guilherme Dicke, garimpeiro de ilusões*. Folha do Estado, Cuiabá, 20 ago. 2006. Seção literatura, p. 3ª.

BOTELHO, Mirian – *Novo Prêmio para Ricardo Guilherme Dicke*. Ilustrado, Cuiabá, 14 jan. 1996. Seção literatura, p. 1-2.

BRAGA, João Ximenes – *Dicke: o Vôo da Eternidade*. O Globo, Cuiabá, 1 Maio. 2004. seção Prosa & Verso, p. 1-2.

CARA, Salete de Almeida – *A Poesia Lírica*. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1989.

CHAVES, Sidney - *Apresentação*. Focus. Alta Floresta (1): 1, dez. 2001.

CHAVES, Sidney - *Eu, poesias*. 1ª Ed. Alta Floresta: EGM, 1999.

CHAVES, Sidney – *Verso e Reverso*. 1ª Ed. Alta Floresta: EGM, 2004.

DE NICOLA, José – *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 15ª ed. SP: Scipione Edit. 1998.

DICKE, Ricardo Guilherme – *Caieira*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora São Francisco Alves, 1977.

DICKE, Ricardo Guilherme – *Cerimônias do Esquecimento*, 1ª Ed. Cuiabá: UFMT, 1995.

DICKE, Ricardo Guilherme – *Deus de Caim*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Edinova, 1968.

DICKE, Ricardo Guilherme. *É uma narrativa em espiral, que gira em torno de um ponto fixo*. Disponível em: <http://www.verdestrigos.com.br/sitenovo/site/resenha_ver.asp?id=19>. Acesso em: 14 fev. 2006.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Ricardo Guilherme Dicke também é professor, tradutor e jornalista*. Disponível em: <<http://www.literamerica.com.br/homenageados.htm>>. Acesso em: 14 fev.2006.

DICKE, Ricardo Guilherme. *UFMT outorga título de Doutor Honoris Causa a Ricardo Guilherme Dicke*. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_dentrodocampus_bgjja.html>. Acesso em: 14 fev. 2006.

FIGUEIRA, Valter – *Coletânea de Poesias*. 20ª Ed. Alta Floresta: EGM, 2004.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra – *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*. 1ª Ed. Cuiabá: Unicen Publicações. 2001. 328 p.

SELJAN, Zora – *Ricardo e a Verdade da Ficção*. Jornal de Letras, Cuiabá, Maio. 2005. Seção entrevista, p.6-7.

SILVEIRA, Ligiani K. – *Vida e Obra do escritor Ricardo Guilherme Dicke*. Folha do Estado, Cuiabá, 20 set. 2005. Seção literatura, p. 1-2.

VIEIRA, Luiz Fernando – *Série traz textos inéditos de Dicke*. A Gazeta, Cuiabá, 5 set. 2006. Seção literatura, p. 1.